

QUALIFICAÇÃO E DEPOIMENTO DAS TESTEMUNHAS NOS PROCESSOS ANCHIETANOS MAIS ANTIGOS

Hélio Abranches Viotti, S.J.

Fonte primária das mais importantes encontra-se no Arquivo Secreto do Vaticano, na Congregação dos Ritos: os processos de canonização do Padre José de Anchieta. Instaurados os processos apostólicos em Roma a 7 de outubro de 1624, a 10 de agosto de 1736, dia de São Lourenço, lhe coube o título de Venerável, com o reconhecimento pela Igreja de sua heroicidade e de suas virtudes. Finalmente, a 22 de junho de 1980, foi beatificado pelo Papa João Paulo II. Estão conservados em Roma os seguintes processos: de Portugal, Évora (1626) e Lisboa (1627); do Brasil, Rio de Janeiro (1602, 1620, 1627 e 1708), Bahia (1619, 1650 e 1708), São Paulo (1622, 1627) e Olinda (1628). Desses, todos os do século XVI, vêm publicados neste artigo.

José de Anchieta nasceu a 19 de março de 1534 na cidade de São Cristóvão da Laguna, Ilha de Tenerife, Arquipélago das Canárias, Espanha. A 1º de maio de 1551 ingressou na Companhia de Jesus, em Portugal, vindo do Colégio das Artes (Coimbra), onde estudara. A 8 de maio de 1553 embarcou em Lisboa rumo ao Brasil, de onde nunca mais saiu, na frota do Governador D. Duarte da Costa, aportando à Bahia a 13 de julho. Em outubro do mesmo ano parte para a vila de São Vicente. Tendo chegado, com outros Irmãos da Companhia de Jesus, na manhã de 25 de janeiro de 1554 à aldeia de Piratininga, no mesmo dia fundam o Colégio de São Paulo, origem da cidade do mesmo nome. Esteve presente às duas fundações da cidade do Rio de Janeiro, em 1565 e em 1567, ambas no dia 20 de janeiro. Ordenado sacerdote no ano de 1566 pelo Bispo Dom Pedro Leitão, ocupou importantes cargos, como o de Mestre do Colégio do Rio de Janeiro, Superior da Casa de São Vicente, Reitor do Colégio da Bahia e finalmente o de Provincial.

Homem que foi considerado santo em vida, faleceu a 9 de junho de 1597 na aldeia de Reritiba, hoje cidade de Anchieta, no Espírito Santo, sendo sepultado a 13 de junho na Igreja de Santiago, em Vitória.

* Dos processos informativos e apostólicos sobre Anchieta, aqui aparecem apenas os dados pessoais das testemunhas. Publicado integralmente por mim existe somente o depoimento do jesuíta Padre João Fernandes Gato, no Processo Informativo do Rio de Janeiro (1620), na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, volume 168 (antigo 222), ano 1954 (janeiro-março), pág. 323-342. E mais o texto completo do Processo Apostólico de São Paulo (1627), na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, volume CLIX, (ano 1957), pág. 191 e seguintes. Servem estas notas para melhor conhecimento genealógico e histórico dos habitantes dos dois primeiros séculos deste nosso Brasil.

Processo Informativo do Rio de Janeiro - ano 1602-1603

“Em os quatro dias do mês de novembro do ano de 1621, nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, perante o Administrador apareceu o Padre Antonio de Matos, procurador deste processo. E por ele foi dito, em presença das testemunhas abaixo que ainda tinha mais testemunhas que dar, mas estavam ausentes, que protestava dá-las a qualquer hora que vierem. E outrossim tinha um sumário de testemunhas tirados de algumas pessoas que sabiam do caso e eram mortos e ausentes e requeria mandasse se juntasse e fosse o traslado autêntico junto a este, na forma em que tinham testemunhado. O que visto pelo dito administrador, mandou a juntasse o dito sumário e se trasladasse junto a este, de que tudo fiz este termo que o dito administrador assinou com as testemunhas. Constantino Rebelo, escrivão do Eclesiástico, que o escrevi. O Administrador Mateus da Costa Aboirim. Testemunhas Pero Domingues. Testemunha, Domingos Garcia. Inquirição tirada por parte do Reverendo Padre Pero Rodrigues, Provincial da Companhia de Jesus em este Estado da Província do Brasil, da vida, virtudes, e boas obras do Padre José de Anchieta.”

“Nos anos de 1602 e 1603 na mesma cidade de São Sebastião nas pousadas de Martim Fernandes, então Provisor e Vigário Geral, pelas atas de Manoel da Cunha, Mestre da Capela e Notário Apostólico e de Gonçalo Mendes, foram examinados sobre a fama de santidade, virtudes, dons e milagres do nosso Venerável Servo de Deus, onze testemunhas nomeadas pelo Padre Pero Rodrigues, da Companhia de Jesus, Provincial do Brasil; e como ao tempo da elaboração desse processo de que falamos (o de 1620), as mencionadas testemunhas já tivessem falecido, o Procurador constituído nesta causa, apresentou, no dia 4 de maio de 1621 os depoimentos dos mesmos, insistindo para que fossem aceitos, ressaltando a possibilidade de serem convocadas outras testemunhas ausentes, caso viessem de volta. E o juiz decretou então que isto se admitisse.” Por isso foi incluído no presente processo o sumário destes depoimentos, ou seja, o processo, cuja validade abaixo se examina. Tudo se fez legitimamente.

O Notário Constantino Rebelo declarou que as seguintes testemunhas que haviam deposto em 1620, haviam morrido antes deste novo processo de 1627: Daniel Dias, Gonçalo de Aguiar, Afonso Gonçalves, Gaspar Rodrigues, Padre João Fernandes Gato, Antonio de Saavedra, Maria Escórcia, Antonio Borges, Francisco Fernandes, Diogo Ferreira, João Gomes Sardinha, João de Oliveira, Manoel Fernandes Ozouro, o velho, Duarte Martins Mourão, Padre Manoel da Costa, Pero da Costa, Gaspar Vaz, Baltazar da Horta, Afonso Gonçalves de Azevedo, Jorge Ferreira Dormundo, Baltazar Martins Florença, Inácio da Luz. Além dos mortos acima, estavam ausentes os seguintes: Salvador Corrêa de Sá, o Padre Jerônimo Machado, o Padre Francisco da Silva, Antônia Rodrigues. “E por me ser mandada passar a presente, a passei na verdade em o Rio de Janeiro em os dez de setembro de seiscentos e vinte e sete anos. Constantino Rebelo.”

Inquirição do Rio de Janeiro - 1602

Testemunhas ouvidas:

1- **João de Oliveira**, do governo da cidade, com cerca de 70 anos de idade. Chamou Anchieta de poeta popular, apóstolo e pacificador, o homem da oração, por vezes levantado do chão, profeta.

2- **Manoel Fernandes Ozouro**, do regimento da cidade, com cerca de 50 anos de idade. Conheceu Anchieta havia 28 ou 29 anos.

3- **Duarte Martins Mourão**, do regimento da cidade, de cerca de 67 anos de idade. Conheceu-o na capitania de São Vicente havia 36 anos e depois nesta cidade, sendo provincial. Declarou ter tido particular amizade com ele. A testemunha esteve presente, acudindo com outros moradores, a aldeia de Araribóia, atacada que fora pelos tamoios de Cabo Frio e por quatro naus francesas.

4- **Padre Jerônimo Machado**, sacerdote secular (ex-jesuíta), com cerca de 45 anos de idade. Haveria 26 anos conhecera ao dito padre.

5- **Padre Manoel da Costa**, ouvido a 3 de outubro de 1602, sacerdote, morador no Rio de Janeiro (ex-jesuíta), com cerca de 48 anos de idade. Conheceu sendo ele testemunha moço na capitania de São Vicente, onde nasceu.

6- **Pero da Costa**, do regimento da cidade, com mais de 80 anos de idade. (Era pai de Escolástica da Costa, que depôs no Processo Apostólico do Rio, em 1627, nascida cerca de 1568 na cidade do Rio de Janeiro, filha de Pero da Costa e de sua legítima mulher Catarina Gonçalves).

7- **Gaspar Vaz**, com mais de 60 anos de idade. Há 38 anos conhecera-o como irmão da Companhia de Jesus, antes e depois de provincial, no tempo do Padre Nóbrega.

8- **Baltazar da Horta**, ouvido a 11 de outubro de 1602, morador no Rio de Janeiro, com cerca de 45 anos de idade. Conheceu Anchieta desde a sua meninice, andando na escola ainda. E como moço tivera notícia de suas composições poéticas, líricas e dramáticas. Ele, sendo moço, cantava as tais composições em companhia de outros pelas ruas e praças, louvando a Nosso Senhor.

9- **Afonso Gonçalves**, ouvido a 23 de outubro de 1602, morador no Rio de Janeiro, com cerca de 55 anos de idade. Haveria 37 anos que conhecera ao Padre José. Disse que o Bispo Dom Pedro Leitão o tinha em conta de grande servo de Deus.

10- **Jorge Ferreira Dormondo**, ouvido a 17 de maio de 1603, capitão da Fortaleza de São João Batista, no Rio de Janeiro, com cerca de 57 anos de idade. Há cerca de 30 anos tinha conhecimento do Padre Anchieta, tanto na capitania de São Vicente, onde ele testemunha assistiu muito tempo com sua casa e família, como no Rio.

11- **Baltazar Martins Florença**, ouvido a 17 de maio de 1603, casado e morador no Rio, com cerca de 57 anos de idade. Conheceu Anchieta muitos anos na Bahia e nesta cidade. Anchieta o curou de uma asma, de que era

enfermo havia muito tempo, mandando-o que bebesse da água da fonte pegada com o engenho em Magé e rezando oito Pais Nossos e cinco Ave Marias.

Processo Informativo do Rio de Janeiro - 1620:

Testemunhas ouvidas:

1- **Daniel Dias Machado** (ouvido a 2 de junho de 1620), natural de São Vicente, com cerca de 54 anos de idade, filho de Rui Dias Machado e de Isabel Afonso. Foi discípulo de Anchieta na escola em São Vicente, onde viveu na Residência, de porta adentro. Conhecia-o desde os quatro anos de idade. Viu-o pregar e catequizar até pelas ruas. Menciona duas entradas de Anchieta ao sertão, a converter infiéis. Seu pai, Rui Dias Machado, esteve presente na embaixada de Iperuí, entre São Vicente e Rio de Janeiro. Sua mãe, sendo já velha, e também seu pai, contavam muitos milagres.

2- **Gonçalo de Aguiar** (ouvido a 2 de junho de 1620), natural da freguesia de Santiago de Poyares, Braga, com cerca de 80 anos de idade, filho de Afonso Gonçalves e de Maria Gonçalves. Conheceu por muito tempo ao Padre Anchieta no Rio de Janeiro, com ele tratando pessoalmente.

3- **Diogo Teixeira de Carvalho.**

4- **Irmão Francisco Dias, S.J.** (ouvido a 22 de junho de 1620), natural de Ventosa, termo de Alenquer, de 84 para 85 anos de idade, filho de Diogo Álvares e de Brites Dias. Conheceu-o por espaço de 10 ou 12 anos.

5- **Afonso Gonçalves** (ouvido a 25 e 26 de junho de 1620), natural de Ponte de Lima, de 83 para 84 anos de idade, filho de Pero Gonçalves da Fonte e de Margarida Afonso, moradores que foram na dita parte. Era cavaleiro fidalgo da Casa d'El-Rei e condestável dos bombardeiros desta cidade e morador nela.

6- **Gaspar Rodrigues** (ouvido a 26 de junho de 1620), com cerca de 60 anos de idade, filho de João Rodrigues e de Maria Álvares. Há cinqüenta anos fora para o Rio de Janeiro e conheceu ao Padre Anchieta em São Vicente. Foi Anchieta quem lhe abençoou o primeiro casamento. Visitou a Casa da Aldeia de Reritiba, no Espírito Santo, após a morte de Anchieta, ali derramando muitas lágrimas. Narrou um episódio em que o governador Antonio de Salema mandou prender a ele testemunha, por um precatório da capitania de São Vicente. Temeroso de sua sorte, o Padre Anchieta lhe disse que nada temesse. Apresentando-se ao governador, não só este não lhe fez mal, como lhe fez favores!

7- **Padre Francisco Pires, S.J.**, natural de Aljustrel, com cerca de 40 anos de idade, filho de Jorge Vaz e de Isabel Pires.

8- **Padre João Fernandes Gato** (ouvido a 10 de julho de 1620), natural da Ilha Terceira, com cerca de 63 anos de idade. Conheceu-o por tempo de ano e meio na capitania do Espírito Santo, na vila de Vitória e na aldeia de Reritiba, onde ele testemunha e Anchieta residiram alguns meses. Foi seu companheiro em algumas missões e se confessava com o dito padre e o mesmo com ele testemunha algumas vezes. Isto haverá 25 anos. Esteve presente

ao seu falecimento. Aprendeu com Anchieta a língua dos naturais do Brasil. Narra a tristeza dos índios pela morte de Anchieta: cerca de 3.000 deles acompanharam o cortejo fúnebre até Vitória!

9- **Manoel Nunes** (ouvido a 18 de agosto de 1620), natural de Lisboa, fora da Porta do Sol, com cerca de 60 anos de idade, 40 de Brasil, filho de Diogo Fernandes e de Francisca Nunes. Tem vivido no Rio e no Espírito Santo. Conheceu-o por quase 20 anos, no Rio e na capitania de São Vicente. Acompanhou-o em algumas viagens. Assistiu a sua morte em Reritiba.

10-**João de Sousa Pereira** (ouvido a 23 de agosto de 1620), natural de Lisboa, com cerca de 80 anos de idade, filho de Francisco de Sousa Pereira e de Inês de Brito de Carvalhais. Desde 1572 conheceu Anchieta em São Vicente.

11-**Antonio de Saavedra** (ouvido ao 1º de novembro de 1620), natural de Castela, com cerca de 63 anos de idade (não cita filiação). Cidadão do Rio de Janeiro, vivia há uns 40 anos no Rio, bem como na capitania de São Vicente. Em São Vicente e também no Rio conheceu o Padre Anchieta por 25 ou 26 anos, tendo com ele viajado algumas vezes. Anchieta não permitiu que embarcasse, por duas vezes, no navio que navegaria para a Bahia: perderam-se ambos os navios!

12-**Martim de Sá.**

13-**Jerônimo Veloso Cubas.**

14-**Maria Escórcia** (ouvida a 26 de outubro de 1620), natural de São Vicente, com cerca de 49 anos de idade, filha de Manoel da Luz e de Bárbara Rodrigues. Aprendeu com ele o catecismo, em São Vicente.

15-**Crispim da Cunha** (ouvido a 3 de novembro de 1620), natural de Évora, de 66 para 67 anos de idade, filho de Duarte Vaz Tenreiro e de Ana Gonçalves. Conheceu-o por 12 anos, sendo ele provincial nesta cidade.

16-**Antonio Borges** (ouvido a 3 de novembro de 1620), escrivão substituto, natural da capitania do Espírito Santo, com cerca de 40 anos de idade, filho de João Dias d'Ornellas e de Francisca da Silva. Conheceu-o e dele aprendeu a doutrina com outros meninos, vivendo na Casa de Santiago, prestando serviços. Contou o caso em que um tal de Gaspar Carvalho Benavente devia à avó dele, Antonio, a quantia de 20\$000 (vinte mil réis). Sua avó havia perdido o recibo e Gaspar negava a dívida. Antonio Borges, a mando de sua avó, foi pedir a Anchieta que rezasse uma missa a Nossa Senhora do Rosário para achá-lo. Encontraram-no envolvido na capa! E a dívida foi paga..

17-**Francisco Domingues** (ouvido a 7 de novembro de 1620), natural de Arcozelo de Maio, bispado de Lamego, com cerca de 90 anos de idade, filho de Pero Domingues e de Isabel Lopes. Já estava no Brasil havia 50 anos, conhecendo-o de 40 anos a esta parte. Narrou um milagre acontecido com ele: estava muito mal, andando de muletas, e foi ao Colégio visitar ao Padre Anchieta. O qual, o vendo assim, lhe disse que não havia mais de trazer muletas. Mostrando ser impossível viver sem as muletas, Anchieta as tirou dele e lhe deu um bordão. Chegou até a sarar. Ainda hoje anda são e valente, sem nunca mais ter tido a tal enfermidade.

18-Paulo da Cruz (ouvido a 10 de novembro de 1620), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 53 anos de idade, filho de Marcos de Góes e de Catarina Gonçalves, já falecidos. Conheceu-o nesta cidade por tempo de 14 anos, antes e depois de ser provincial. Ajudou-lhe na missa muitas vezes, sendo moço de pouca idade. Aprendeu a ler na escola. Por vezes viu Anchieta levantado do chão, em orações. De seu, tinha uma relíquia, um pedacinho de roupa. Com esta relíquia sarou a mulher de Fernão Delgado, Domingas de Oliveira, de parto.

19-Manoel Fernandes Ozouro, o moço (ouvido a 12 de novembro de 1620), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 50 anos de idade, filho de Manoel Fernandes Ozouro e de Margarida Antunes. Passava de 30 anos que o conheceu nesta capitania e na de São Vicente, por tempo de 8 para 9 anos. Acompanhou-o algumas vezes de São Vicente para São Paulo e para esta cidade. De noite nunca o via dormir. Quando acordava de noite o via estar em oração. Narrou um episódio no qual seu avô era dono de uma embarcação.

20-Francisco Fernandes (ouvido a 14 de novembro de 1620), natural de Porto Seguro, com quase 70 anos de idade, filho natural de Antonio Fernandes e de uma índia.

21-Gaspar de Magalhães (ouvido a 16 de novembro de 1620), lavrador, natural de São Vicente, com cerca de 70 anos de idade, filho de Baltazar Fernandes e de Brites da Costa. Conheceu-o por tempo de 20 anos, assim nesta cidade como na capitania de São Vicente, o que haverá alguns 50 anos. Tinha fazenda no lugar Macacu (Maquaquu). Era sua irmã Margarida da Costa.

22-Salvador Corrêa de Sá (ouvido ao 1º de dezembro de 1620), natural de Entre Douro e Minho, com cerca de 74 anos de idade, filho de Gonçalo Corrêa da Costa e de Felipa de Sá. Conheceu muito bem ao Padre Anchieta, vindo a povoar esta cidade e depois governando-a, por espaço de 25 anos. Conheceu-o também em São Vicente. Narrou um caso em que o Padre Anchieta estava com ele na fortaleza de Santa Cruz, na barra desta cidade, que então mandava fazer, sendo governador.

23-Diogo Ferreira (ouvido a 30 de dezembro de 1620), natural de Porta de Seabra, no Porto, com cerca de 50 anos de idade, filho de Garcia Álvares Ferreira e de Felipa Rodrigues. Conheceu ao dito padre de 35 anos a esta parte, assim nesta cidade, como na Bahia e no Espírito Santo. Acompanhou-o na viagem que Anchieta fez da Bahia para o Rio de Janeiro, vindo por visitador. Estando todos no navio, sucedeu uma trovoada de súbito, jogando-os para o mar, entrando muita água no navio. Todos se prepararam para a morte, que parecia certa. No outro dia, o Padre José chamou todos os passageiros acima ao convés. Diante de todos disse que, entre eles, vinha um excomungado. Que ele se apresentasse, que o Padre José tinha poder de absolvê-lo, para que não se perdessem todos. Apresentou-se Francisco Feo Toscano, que já é morto, dizendo que era ele o que vinha excomungado por furtar um livro dos milagres de Nossa Senhora do Monserrate a D. Francisco de Sousa, governador geral que foi deste Estado. E por ter, este, em grande estima

ao livro, pedira ao Bispo do mesmo estado mandasse passar carta de excomunhão para o responsável pelo desaparecimento do dito livro. Devolvendo o livro, Anchieta absolveu-o e logo veio bom tempo que os fez chegar sãos à dita vila, onde foram recebidos com festa e ele por santo. Foram também companheiros desta viagem o Padre Francisco Soares, o Irmão Francisco Dias, João Fernandes, mestre do navio e muitos outros.

24-João Gomes Sardinha (ouvido a 5 de janeiro de 1621), natural de Porto Seguro, com cerca de 75 anos de idade, filho de Gaspar Sardinha e de Felipa Gomes. Conheceu ao Padre Anchieta de 45 anos a esta parte, tanto nesta cidade como na vila de São Paulo. Acompanhou-o em viagens. Contou um caso, acontecido na véspera de Natal, haverá 44 anos, na vila de São Paulo, na casa de Santo Inácio. Tendo acabado de dizer a missa do galo o dito Padre José, este encostou-se em uma cadeira na sacristia, quando veio o Irmão Leão comunicar que não havia vinho para as missas que os padres queriam dizer. Respondeu-lhes o Padre José que fosse à botija. E suplicando-lhe o irmão, que já a escorrera e não tinha nada, o padre lhe tornara a dizer que fosse e acharia vinho. E encontrou a botija cheia de vinho e a trouxera com grande contentamento, alegrando-se todos, estando entre os presentes ele testemunha, e Baltazar Gonçalves, morador na vila de São Paulo, que hoje vive.

25-Padre Francisco da Silva (ouvido a 4 de março de 1621), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 48 anos de idade, filho de Jerônimo Leitão e de Jerônima Fernandes. Conheceu-o de 38 anos a esta parte aqui nesta cidade, sendo menino de cerca de 10 anos e o acompanhou muitas vezes. Conheceu-o também na capitania de São Vicente. Narrou um caso acontecido ali, no Engenho dos Erasmos, onde faltava vinho para as festas. Disse o Padre José que não se desconsolassem, porque no dia seguinte haveria de entrar um navio de Portugal que vinha para o mesmo engenho. Sucedeu assim..

26-Margarida Gonçalves (ouvida a 9 de novembro de 1621), natural da vila de Santos, com cerca de 40 anos de idade, filha de Domingos Dias e de Grácia Rodrigues. Era viúva de Antonio Soares. Conheceu ao Padre Anchieta sendo menina, o qual era muito amigo de seu pai, Domingos Dias, e ia muitas vezes à casa deles. Por espaço de 4 anos o conheceu na capitania de São Vicente.

27-Inácio da Luz (ouvido a 15 de novembro de 1621), cidadão, natural de São Vicente, com cerca de 58 anos de idade, filho de Manoel da Luz e de Maria da Costa. Conheceu muitos anos ao Padre Anchieta, sendo ele irmão e depois sacerdote de missa, reitor e provincial. Foi seu mestre e lhe ensinou a ler e a escrever. Ajudou-o muitas vezes na missa e assistiu na casa da Companhia portas adentro, onde o dito padre residiu muito tempo. Disse ser público e notório que Anchieta trazia cilício e tomava disciplinas. Sendo ele testemunha de 13 para 14 anos, na capitania de São Vicente, tomando o Padre Anchieta a lição dele testemunha e de outros, dissera que o dia antes, que fora 5 de agosto, dia de Nossa Senhora das Neves, se perdera o Reino de Portugal, porque se havia perdido El-Rei Dom Sebastião em África (4 de agosto de 1578); eram seus condiscípulos Matias de Oliveira, Pascoal

Leite, Estevão Ribeiro e outros. Daí a três meses vieram novas do Reino, como a de que El-Rei Dom Sebastião havia falecido, sendo no mesmo dia em que o Padre havia dito. Seu pai, Manoel da Luz, já falecido, viu Anchieta levantado do chão, estando em oração no Coro da Companhia de São Vicente. Seu cunhado, João de Sousa Pereira, casado com sua irmã Maria Escórcia, tendo ido para o sertão, deixou sua mulher na capitania de São Vicente. Correndo fama de que seu cunhado era morto, para lá foi buscar sua irmã, ele testemunha, a esta cidade. O Padre José a mandou chamar, dizendo-lhe que seu marido estava vivo e em poucos dias chegaria com saúde, como na verdade veio, ele e os demais. Indo-se ele testemunha, da capitania do Rio para a do Espírito Santo, viu-o despedir-se de sua mãe (madrasta) Bárbara Rodrigues, e de muitos outros mais, de que não o veriam mais; assim foi, porque lá faleceu. Narrou ainda um fato acontecido na vila de São Vicente, onde se estava a representar uma obra santa ao longo da igreja. Havia grandes relâmpagos e trovões e as pessoas que ali estavam começaram a se retirar. Disse Anchieta que não se fossem, porque não haveria de chover. E assim foi, porque em 3 horas que a dita obra durou, não choveu. E, recolhendo-se, caiu muita água.

28-Duarte Nunes da Cunha (ouvido a 22 de abril de 1622), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 26 anos de idade, filho de Domingos Nunes Sardiha e de Maria da Cunha. Contou sobre a cura de um netinho de Lourenço de Sampaio, filho de Antonio de Mariz e de sua filha Paula da Cunha.

29-Antônia Rodrigues (ouvida a 23 de abril de 1622), mulher do cidadão Manoel dos Rios (?), natural de Porto Seguro, com cerca de 61 anos de idade, filha de Duarte Nunes e de Maria Fernandes. Conheceu ao Padre Anchieta há mais de 40 anos na Bahia, no Porto Seguro e no Espírito Santo. Conhecia-o também porque o padre José foi muitas vezes à casa de seu pai, de quem era amigo. Morando ela testemunha na Bahia, no Engenho d'El-Rei, e indo o Padre José à sua casa um dia, como costumava ir outros muitos e comendo lá, pediu-lhe lhe dar um par de talhadas de abóbora em conserva. Não havia na casa porque as não tinha feito, certificando-se uma vez mais ao olhar o pote. Disse-lhe Anchieta que obedecesse, que a fosse buscar e lhe trouxesse três talhadas de abóbora. Tornando a ver o mesmo pote, achara as três talhadas de abóbora, que as pôs no prato. Anchieta se pôs a rir...

30-Lourenço de Sampaio (ouvido a 30 de abril de 1622), lavrador, natural do Rio de Janeiro, com cerca de 50 anos de idade, filho de Antonia de Sampaio e de Maria Coelho. Conheceu ao Padre Anchieta, assim nesta cidade como na capitania de São Vicente e falou muitas vezes com ele. Ouviu de sua sogra, Maria de Oliveira, que indo o dito padre para Magé, termo desta cidade, em companhia de seu sogro João de Basto e de Aires Fernandes, já defuntos, e querendo lá o padre dizer missa, lhe pedira o meu sogro encomendasse a Nosso Senhor a Maria de Oliveira, que andava para parir. Respondeu-lhe o padre que não era necessário, que já parira. Contou um caso de milagre com a utilização de uma relíquia do Padre José. Finalizou com o caso de seu netinho, de 8 meses, filho de Antonio de Mariz e de sua filha Paula da Cunha, que estando dois dias e duas noites sem mamar, nem levar

coisa alguma, com umas febres. Colocada a relíquia no seu pescoço, logo se lhe aplacou a febre e começou a mamar e se achou bem.

31-Antonio de Mariz (ouvido a 30 de abril de 1622), cidadão e natural do Rio de Janeiro, com cerca de 45 anos de idade, filho de Antonio de Mariz e de Isabel Velho, já defuntos. Haverá 34 ou 35 anos que conhecera ao Padre José, aqui nesta cidade e com ele tratou e se comunicou muitas vezes. Narrou o episódio do seu filhinho de 8 meses, acontecido na quaresma passada de 1622. Era casado com Paula da Cunha, filha de Lourenço de Sampaio e de Francisca da Cunha.

32-Maria de Oliveira (ouvida a 2 de maio de 1622), viúva de João de Basto, natural de Lisboa, com cerca de 60 anos de idade, filha de Martim Afonso e de Antonia de Oliveira, já falecidos. Já passava de 30 anos que conhecera ao Padre Anchieta, e o conhecera por espaço de 12 anos. Estando ela prenhe, e indo seu marido João de Basto daqui para fora, em companhia do Padre José e do compadre dela, Aires Fernandes, para Magé, seis léguas desta cidade. Anchieta, antes de celebrar a missa, e instado que rezasse pelo bom sucesso do parto, comunicara a eles que fora feliz o parto.

33-Constantino Rebelo (ouvido a 2 de maio de 1622), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 37 anos, filho de Francisco Domingues e de Inês Fernandes.

34-Antônio do Lago Prego (ouvido a 4 de maio de 1622), morador, natural de Viana, com cerca de 30 anos de idade, filho de André Rodrigues do Lago e de Madalena Gonçalves Prego. Conheceu um milagre póstumo, o do escravo Atanásio, que era de sua sogra Maria da Cunha. Era cunhado de Duarte Nunes da Cunha.

Processo Informativo da Bahia - ano de 1619

Testemunhas apontadas, mas que não chegaram a ser citadas, no Processo informativo da Bahia de 1619: Padre Antonio de Araújo, religioso professo, S.J.; Padre Manoel Cardoso, religioso professo, S.J.; Padre Mateus de Aguiar, religioso professo, S.J.; Antônio Cardoso de Barros; Marcos da Costa, morador em Matoim; Baltazar Guedes; Gonçalo da Mota; André Lopes *Cascaluz* (ou *Cascalho?*), morador em Jaguaripe; Brás da Costa, escrivão; Dona Antônia Bezerra e Jerônima Fernandes; Brites de Ozoiro, filha de Antônio da Fonseca Cabral; Andreza Dias, viúva de Diogo de Amorim; Barbosa, que foi mulher de André Rodrigues, morador no Paraguaçu; Lúcia Fernandes, moradora no Rio Vermelho.

Testemunhas ouvidas:

1- **Padre Manoel Fernandes, S.J.** (ouvido a 19 de agosto de 1619), Reitor do Colégio, com cerca de 42 anos de idade, natural de Viana do Alvito, filho de Miguel Fernandes e de Maria Mendes. Desde 1604 se encontrava no Brasil.

2- **Padre Pedro Leitão, S.J.** (ouvido a 19 de agosto de 1619), natural de Lisboa, com cerca de 67 anos de idade, filho de Miguel Antunes e de Catarina de Faria. Com ele tratou e comunicou muitos anos, seja neste Colégio da Bahia, como no do Rio e na casa do Espírito Santo. E lhe ouviu a confissão. Foi 11 anos provincial. Anchieta disse-lhe que morreria na capitania do Espírito Santo. Toda a sua vida foi um espelho de virtudes. A testemunha foi, por muito tempo, enfermeiro. Quando estavam no Espírito Santo, por ordem de Anchieta, Leitão esvaziava a dispensa em favor dos necessitados; na manhã seguinte achava em dobro o que fora dado. Anchieta lhe pedia silêncio sobre estas obras. Sabia, por ouvir dizer, que o Padre Anchieta traduzira na língua tupi a Doutrina Cristã. Ele mesmo se dedicava a ensiná-la.

3- **Pedro de Lomba** (ouvido a 29 de agosto de 1619), lavrador de cana na Bahia, natural de Regalados, arquidiocese de Braga, com cerca de 90 anos de idade, filho de Antonio de Lomba e de Afonsa Carvalho. Morador em Paripe. Narrou um caso que aconteceu com o governador Lourenço da Veiga. O cavalo dele perde o controle e suas rédeas se embaraçam nos galhos de uma árvore e o animal corre o perigo de se afogar. Anchieta pede ao Padre Gaspar Lourenço que se lançasse ao rio e que salvasse o animal. De batina e tudo o Padre Lourenço se lança à torrente, desembaraça o animal e o conduz até a margem. Ordena o governador aos seus criados que dessem ao padre roupa enxuta: “Não é necessário, senhor governador, pois o padre não se molhou”.. Sabia disto porque o viu.

4- **Baltazar Lourenço** (ouvido a 26 de agosto de 1619), lavrador de cana, natural de Vila Real, com cerca de 80 anos de idade, filho de Antonio Pires e de Brites Lourenço. Morador em Sergipe do Conde. Irmão do Padre Gaspar Lourenço.

5- **Melchior de Sá Sotomayor** (ouvido a 16 de setembro de 1619), morador na Bahia, fazendeiro, da governança, natural de Viana da Foz do Lima, com cerca de 50 anos de idade, filho de Cristóvão da Cunha e de Ana de Sá.

6- **Cônego Gonçalo Rodrigues** (ouvido a 16 de setembro de 1619), natural de Salvador, com cerca de 35 anos de idade, filho de Francisco Gonçalves e de Francisca Rodrigues, cidadãos do Porto. Era cônego na Bahia.

7- **Padre Baltazar Fernandes, S.J.** (ouvido a 26 de setembro de 1619), natural do Porto, com cerca de 83 anos de idade, filho de João Afonso e de Isabel Fernandes. Tratou com Anchieta durante muitos anos, tanto neste Colégio da Bahia, como em Porto Seguro, no Espírito Santo e em São Vicente e Piratininga, como no Rio. A testemunha entrou na Companhia em São Roque, em Lisboa e daí seguiu para Coimbra. Esteve ele testemunha em Piratininga.

8- **Padre Pedro da Cunha, S.J.** (ouvido a 30 de setembro de 1619), enfermeiro, natural do Porto, com cerca de 38 anos de idade, filho de Miguel Lopes e de Maria da Cunha.

9- **Irmão Francisco de Escalante, S.J.** (ouvido a 3 de outubro de 1619), natural de Laredo, na Cantabria, com cerca de 56 anos de idade, filho de Jerônimo de Mallante e de Maria Ueman.

10-Irmão Francisco da Costa, S.J. (ouvido a 3 de outubro de 1619), sacristão, natural de Guimarães, com cerca de 50 anos de idade, filho de Pero Gil e de Catarina Pires da Costa.

11-Irmão Adriano João, S.J. (ouvido a 3 de outubro de 1619), natural de Ádria, reino de Nápoles, com cerca de 62 anos de idade, filho de João e de Ângela.

12-Padre Manoel Fernandes, S.J. (ouvido a 3 de outubro de 1619), Reitor do Colégio. Foi o primeiro desta lista a testemunhar na Bahia. Veio contar novos casos de que se lembrou mais tarde.

13-Padre Henrique Gomes, S.J. (ouvido a 3 de outubro de 1619), ex-provincial, natural de Pinheiro d’Azere, bispado de Viseu, com cerca de 63 anos de idade, filho de Pero Afonso e de Brites Rodrigues. Com ele tratou alguns anos nesta província e também no Espírito Santo, ouvindo-lhe então a confissão geral de toda a vida.

14-Padre Fernão Cardim, S.J. (ouvido a 3 de outubro de 1619), ex-provincial, natural de Viana d’Alvito, com cerca de 70 anos de idade, filho de Gaspar Clemente e de Inês Cardim. Tratou com ele por muito tempo e por isso sabia, além de ser do conhecimento público, que Anchieta floresceu em virtudes muitas e heróicas, próprias da vida cristã e religiosa. Mostrou, em particular, grande devoção para com a Virgem Nossa Senhora, compondo-lhe um poema sobre a vida, de que manuseou pessoalmente um exemplar autógrafa. Sabia, por tradição unânime ter composto essa obra quando era refém entre os tamoios da capitania de São Vicente, conservando-o de memória, conquanto contivesse muitos milhares de versos e redigiu-o após a libertação do cativo, já que entre os índios não havia material necessário para isso. Cardim esteve presente à exumação que se fez em julho ou agosto de 1609, feita à noite e trancada a igreja, pois não pequeno receio existia de que toda a vila de Vitória se insurgisse contra isso, pelo imenso carinho e devoção que lhe dedicava e a estima que tinha às suas relíquias. O visitador e os outros padres dividiram entre si e outros de fora. Cardim conservou alguma para si.

15-Padre Manoel do Couto, S.J. (ouvido a 3 de outubro de 1619), professo, natural de Ervedal, junto a Aviz, diocese de Évora, com cerca de 56 anos de idade, filho de Cristóvão Nunes de Carvalho e de Isabel Lopes do Couto. Esteve presente à exumação das relíquias no Espírito Santo, feita em segredo, em companhia do Visitador Manoel de Lima e do Padre Fernão Cardim. Marcos de Azeredo, então capitão mor e seu irmão Miguel, que já o fora, quando o souberam demonstraram muita contrariedade.

16-General Mateus de Freitas (ouvido a 3 de outubro de 1619), comandante da Infantaria no Rio de Janeiro, natural de Arcos de Valdevez, da paróquia de Nossa Senhora do Passo, de 48 para 49 anos de idade, filho de Francisco Gonçalves de Araújo e de Mência Álvares de Freitas. Ele testemunha esteve presente na igreja matriz de Vitória, assistindo a um sermão do Padre José, quando este, subitamente se ajoelhou no púlpito, dando a impressão para os ouvintes que sofrera um desmaio. Assim permaneceu algum tempo. Levantando-se, em voz alta e inteligível, assim se dirigiu ao auditório: “ro-

guemos a Deus por nossos irmãos, que se internaram no sertão, pois atualmente, neste momento em que estamos, se acham num grave aperto; rezemos por eles um Pai Nosso e uma Ave Maria, pois se encontram cercados pelo gentio”. Notou a testemunha o dia e a hora. No regresso dos expedicionários, dois meses depois, interrogou a vários de seus conhecidos e amigos, se haviam passado na jornada algum perigo maior: “tal dia fomos cercados pelos gentios..” “Que hora?” “Às 10 horas da manhã!” Exatamente o dia e a hora em que o Padre José os fizera rezar. O fato foi conhecido em toda a capitania do Espírito Santo, atribuindo-se ao espírito de profecia do Padre José, pois não podia ter explicação natural!..

17-Manoel Carvalho (ouvido a 4 de outubro de 1619), agricultor na Bahia, natural de Ponte de Lima, com cerca de 67 anos de idade, filho de Gaspar Carvalho e de Felipa Rodrigues. Há 40 anos, morando em Porto Seguro, aí ouviu a Antonio Martins Toscano que, navegando este por um rio em São Vicente, em companhia do Padre José e outras pessoas, numa canoinha de casca deu a canoa contra uma pedra, partindo-se em duas de proa a proa. Iam todos se lançar à água e Anchieta os deteve, pondo-os a salvo. Ele testemunha e sua mulher Catarina Rodrigues possuíam uma carta autógrafo de Anchieta, que a usavam como relíquia para se curarem de enfermidades.

18-Catarina Rodrigues (ouvida a 4 de outubro de 1619), natural de Porto Seguro, com cerca de 60 anos de idade, filha de Antonio Dias Cassão e de Maria Rodrigues. Antonio Martins Toscano era seu padrinho.

19-Barnabé Soares (ouvido a 4 de outubro de 1619), escrivão da Câmara do Cabido, natural de Couto de Tias, bispado do Porto, com cerca de 40 anos de idade, filho de Pero de Novaes e de Grácia Fernandes. Há 4 ou 5 anos, sua mulher Marta da Costa, febricitante, ficou reduzida a tal estado, que o Dr. Diogo Pereira, já desesperava de sua saúde. Sabendo disso, o Padre Fernão Lopes, S.J., professor de Humanidades neste Estudo da Bahia, lhe deu uma relíquia para que pusesse ao pescoço, dizendo-lhe com fé e confiança. Começou ela a melhorar e dentro de 10 ou 12 dias sarou totalmente. Dia de Ramos passado (24 de março de 1619), sua negra, Susana, chamada de repente pela patroa, engoliu a agulha que tinha na mão. Com a agulha atravessada na garganta, sem poder comer nem quase beber de dor, ia se consumindo. Ele e a mulher se valeram da relíquia de Anchieta, dando-lhe a beber da água tocada pela relíquia. Após um gole tomado à noite, veio a despertar no dia seguinte sã, havendo desaparecido a agulha..

20-Melchior Henriques Rolim (ouvido a 4 de outubro de 1619), advogado (solicitador de causas), natural de Lória, com cerca de 67 anos de idade, filho de Pascoal Fernandes Rolim e de Guiomar Henriques. De passagem pelo Espírito Santo, no ano de 1589, foi visitar a Capela de Nossa Senhora da Penha em romaria, aí se confessando com o Padre Anchieta, que lhe deu a comunhão durante a missa que celebrou. Durante ela, à consagração, o viu suspenso no ar cerca de um palmo, o que ele e os demais presentes tiveram por milagre.

21-Miguel de Abreu Roxo (ouvido a 4 de outubro de 1619), mercador, natural de Guimarães, com cerca de 41 anos de idade, filho de Francisco Gonçalves Roxo e de Maria Álvares.

22-Francisco Nunes de Freitas (ouvido a 4 de outubro de 1619), natural do Porto, com cerca de 35 anos de idade, filho de Antonio Rodrigues e de Guimar Mendes de Freitas.

23-Francisco de Sampaio Aranha (ouvido a 4 de outubro de 1619), mercador, natural de Arcos de Valdevez, com mais de 40 anos de idade, filho de Lançarote Dias Aranha e de Maria Álvares Sampaio. No ano passado, caminhando pela casa, começou a sentir veementes dores do coração. Com dificuldade se acolheu ao leito, mandando chamar ao Padre Pero Leitão que o viesse a confessar, porque sentia que iria morrer. Encontrou-o quase sem sentidos, passando dores atrozes. Tomando-lhe o padre da mão para despertá-lo e ouvi-lo de confissão, mostrou-lhe um dente, que disse ser do Padre José. Tivesse fé! Benzendo com ele água, deu-lhe um gole. Bebendo-a, adormeceu, de tal forma que não viu quando se retiraram. Despertou inteiramente são. Também sabiam do caso seu sobrinho João Gomes Aranha e seu cunhado Antonio Corrêa, que a tudo presenciaram.

24-Francisco Gomes Aranha (ouvido a 4 de outubro de 1619), negociante, natural de Arcos de Valdevez, com cerca de 25 anos de idade, filho de Francisco Gomes Aranha e de Ana Dias. Era sobrinho de Francisco de Sampaio, testemunha anterior.

25-Antonio Corrêa (ouvido a 4 de outubro de 1619), seminarista (Teologia Moral), natural de Lisboa, com cerca de 23 anos de idade, filho de Francisco Corrêa e de Catarina de Góes. Era cunhado de Francisco de Sampaio.

26-Gaspar Carvalho (ouvido a 4 de outubro de 1619), natural de Guimarães, com cerca de 52 anos de idade, filho de Baltazar Carvalho e de Brites Gomes. Sendo morador no Espírito Santo, ali ouviu um sermão de Anchieta, na sua igreja matriz, há mais de 20 anos.

27-Dona Lourença de Mello (ouvida a 5 de outubro de 1619), natural de Ilhéus, com cerca de 54 anos de idade, filha de Antonio Lopes Faleiro e de D. Catarina de Mello. Haverá cerca de seis anos, seu sobrinho Antonio da Silva Pimentel, adoeceu na casa dela de febre maligna e cada acesso durava três dias. Tal foi a doença que os médicos desesperaram de o curar. O jesuíta Padre João de Mendonça lhe deu então uma relíquia do Padre Anchieta, com a qual imediatamente o doente sarou. Ele mesmo o poderá atestar.

28-Antonio da Silva Pimentel (ouvido a 5 de outubro de 1619), natural de Salvador, com cerca de 15 anos de idade, filho de Bernardo Pimentel de Almeida e de D. Joaquina de Mello, moradores na Bahia. Cumpre a obrigação colegial de comungar todos os meses. Confessa-se ainda, mais amiúde. Era sobrinho de D. Lourença de Mello.

29-Francisco Coelho Falcão (ouvido a 5 de outubro de 1619), lavrador de cana, natural de Salvador, de 33 para 34 anos de idade, filho de Antônio Coelho e de Maria Falcão. Teve um sobrinho seu, sobrinho também de An-

tônio da Fonseca, que adoeceu da garganta, com perigo de vida. Sarou instantaneamente ao beber a “água de Anchieta”.

30-Antônio da Fonseca Cabral (ouvido a 5 de outubro de 1619), cidadão da Bahia e da sua governança, natural de Celorico da Beira, com cerca de 66 anos de idade, filho de Manoel da Fonseca e de Isabel Teixeira. Depôs em casa por estar acamado. Possuía um osso de Anchieta. Com esta relíquia salvou Francisco Nunes de Freitas, que padecia gravemente de uma febre; idem, uma escrava de Francisco Coelho Falcão; um sobrinho seu, de nome Francisco, de 3 anos de idade.

31-Marta da Costa (ouvida a 5 de outubro de 1619), natural de Ponte de Lima, mulher de Barnabé Soares, com 26 anos de idade, filha de Belchior da Costa e de Isabel Gonçalves. Há cerca de três anos se viu atacada pela terçã por mais de dois meses, chegando a tal fraqueza que muitos já não tinham esperança a seu respeito, inclusive ela mesma. Nessa aflição, pôs-lhe o marido Barnabé Soares, ao pescoço uma relíquia do Padre José que lhe fora para isso entregue pelo Padre Fernão Lopes, jesuíta. Deu também de beber dessa água benta com a relíquia aos seus filhos menores, doentes de febre. Todos sararam.

.....

Processo Informativo de São Paulo - ano de 1622

Por delegação do Prelado do Rio de Janeiro Mateus da Costa Abo- rim, sendo Procurador o Padre Francisco Pires, foi dada autorização para se iniciar o processo informativo a respeito do Padre José de Anchieta em dezembro de 1620 no Rio. Somente em março de 1622 se iniciou o processo em São Paulo. Funcionou como juiz o Reverendo Vigário João Pimentel. Nas formalidades de instalação do tribunal, serviram de testemunhas os Padres João Álvares e Gaspar de Brito. Serviram de escrivães Calixto da Mota e Simão Borges Cerqueira. Cursor foi João Clemente.

Depoimento das testemunhas:

1- **Mateus Leme** (ouvido a 19 de março de 1622), natural de São Vicente, com cerca de 62 anos de idade, filho de Brás Esteves e de Leonor Leme. Tinha 6 anos quando se deu a ordenação de Anchieta, que se teria dado em São Vicente por D. Pedro Leitão. Acompanhou Anchieta como 100 vezes, durante 13 anos. Testemunhou que Pascoal Leite acompanhou Anchieta para salvar um tamoio. Tem uma relíquia de Anchieta. Ouviu ao Padre Manoel Viegas que Anchieta por este fora visto mais de uma vez suspenso do solo 4 palmos, em oração.

2- **Manoel Godinho de Lara** (ouvido a 5 de abril de 1622), agricultor, natural do Espírito Santo, com cerca de 50 anos de idade, filho de Francisco Godinho e de Joana Fernandes.

3- **Aleixo Leme** (ouvido a 5 de abril de 1622), agricultor, natural de São Vicente, com cerca de 58 anos de idade, filho de Brás Esteves e de Leonor

Leme. Tratou com ele quase 20 anos. Esteve presente com Ascenço Ribeiro e Pedro Leme em um espetáculo no dia da circuncisão.

4- **Ascenço Ribeiro** (ouvido a 5 de abril de 1622), natural de São Vicente, com cerca de 56 anos de idade, filho de Estevão Ribeiro e de Madalena Fernandes. Assistiu à profissão de Anchieta. Com a idade de 12 ou 13 anos, por sua instância, distribuiu aos pobres parte da esmola recebida. De relíquia, tinha um fio de sua veste.

5- **Susana Dias** (ouvida a 5 de abril de 1622), natural de São Vicente, com cerca de 70 anos de idade, filha de Lopo Dias e de Beatriz Dias. Lopo Dias era irmão de Rui Dias Machado. Conheceu muito bem ao Padre Anchieta e o teve por seu diretor espiritual, abrindo-lhe toda a sua consciência. Anchieta lhe batizou um filho. Conhecia-o antes do sacerdócio. Sendo menina de poucos anos e indo à igreja desta vila de São Paulo ouviu muitas vezes aos Padres Luís da Grã e Manoel da Nóbrega, outrora provinciais, que o Irmão José era santo, e contando alguns sonhos do irmão, afirmavam que eram revelações e que ele as dissimulava dizendo que eram sonhos. Sendo de 12 anos e estando doente desejou morrer consagrando a Deus sua virgindade, mas o Padre José, sem que ela a ninguém o dissesse, lhe falou neste assunto que só podia saber por uma revelação. Assinou por ela não saber escrever o Pe. Francisco Pires, S.J.

6- **Clemente Álvares** (ouvido a 5 de abril de 1622), natural de São Paulo, com cerca de 53 anos de idade, filho de Álvaro Rodrigues e de Catarina Gonçalves. Relatou que o Padre Anchieta profetizou que sua casa se queimaria em seis meses. Possuiu de relíquia um retalho de pano, que foi consumido pelos doentes a quem emprestou e que recuperaram a saúde. Eram seus sogros Baltazar Gonçalves e Maria Álvares.

7- **João Gago** (ouvido a 5 de abril de 1622), natural de São Paulo, com cerca de 49 anos, filho de Henrique da Cunha e de Felipa Gago. Relatou uma cura que o Padre Anchieta lhe fez quando tinha cerca de 6 anos de idade, quando se encontrou à morte, por inflamação da garganta. A mãe o levou à igreja de Santo Inácio. No dia seguinte estava curado. Relatou ainda a cura de sua sogra Felipa Vicente.

8- **Baltazar Gonçalves** (ouvido a 5 de abril de 1622), agricultor, natural de Santos, com cerca de 78 anos de idade, filho de Domingos Gonçalves e de Antonia Rodrigues. Tratou com Anchieta por mais ou menos 30 anos de quem foi companheiro de jornadas. Era sogro de Clemente Álvares.

9- **Maria Álvares** (ouvida a 6 de abril de 1622), natural de São Paulo, com cerca de 67 anos de idade, filha de Fernão Álvares e de Margarida Marques. Hospedou Anchieta em sua casa. Contou que estando em Santos, em sua casa, Anchieta lhe disse que iria batizar seu filho. Com efeito, dando a luz em São Paulo, lá apareceu Anchieta que batizou seu filho com o nome de José. Assinou por ela Pedro Fernandes.

10- **Maria Castanho** (ouvida a 6 de abril de 1622), natural de Lisboa, com cerca de 80 anos de idade, filha de Antonio Rodrigues de Almeida e de Maria Castanho. Tratou com ele mais de 20 anos. Foi seu diretor espiritual. Foi seu hóspede, em Santos. Viu-o rezar, diante de seu oratório, com tal devoção,

que a comoveu.. Viu-o servir a doentes pobres, e à gente miserável nas mais infectas condições sanitárias.. Estando ela como morta, que já não reconhecia ninguém, tinha o marido viagem preparada aos Patos; aconselhando-se com Anchieta, seu marido ouviu dele para ir, que na volta a encontraria sã. Hesitava e ela teve notável melhora. Dos Patos, seu marido voltou com avultados feitos. De Anchieta ela ouviu que todos voltariam com saúde. Deu um relicário de marfim para, em caso de tempestade, o mergulhasse no mar; com efeito, com ele obteve a cessação repentina de uma tormenta. Presente ao seu casamento, lhe disse o Padre José, apontando para sua velha batina: com ela lhes proporcionarei muitos bens, o que Deus cumpriu! Hospedando-se em sua casa com o Padre João Batista, soube que seu marido Antonio de Proença estava doente havia dias. Mandou ao padre lhe fosse ler um evangelho: não ceitaria a não ser em companhia do dono da casa. Relutou Batista. Insistiu Anchieta. Lido o evangelho, levantou-se Proença: nunca se sentira tão forte, podia carregar a casa às costas.. Estava semimorta, com uma criança morta no ventre, e a mãe e as irmãs já a choravam. Tocam os sinos à defunta, vem o Padre José, manda sair a todos, põe-lhe uma cruz com relíquias ao pescoço e sai. Deita ela a criança sem dor, o mesmo Padre José lhe retira o crucifixo. Ela vive até hoje para dar o testemunho de seus milagres. Assinou por ela Pedro Fernandes.

11-Pedro Leme (ouvido a 6 de abril de 1622), natural de São Vicente, com cerca de 56 anos de idade, filho de Brás Esteves e de Leonor Leme. Foi seu discípulo. Nada em particular.

12-João Soares (ouvido a 6 de abril de 1622), natural de Ponte de Lima, com cerca de 70 anos de idade, filho de Antonio Fernandes Soares e de Isabel de Amorim. Conheceu-o muito bem e com ele tratou familiarmente. Anchieta estava hospedado em sua casa, em Itanhaém, quando Soares o vê rezar na Igreja, à noite, em meio a um grande esplendor celeste, erguido do solo. Conversando com o Padre Manoel Viegas, ele também vira coisas semelhantes. Anchieta proibira a eles que falassem. De espírito profético, anunciou, do púlpito em Itanhaém, a vitória contra os tamoios no Rio. Estando Soares na guerra do Cabo Frio, correu voz de que ele e os mais haviam morrido. Em Santos, Anchieta consola a gente de sua casa: todos estavam vivos, daí a três dias viriam notícias. Isso lhe contaram sua esposa de então, sogro e sogra. Possuía, como relíquia, um dente dele. Estando ele testemunha na vila de Santos, junto ao portal da Misericórdia, chegou-se a ele um tal Domingos Dias, pedindo-lhe que o ajudasse a matar sua mulher e mais um homem, com o qual suspeitava que ela vivesse mal, e estando eles tratando disso então, com todo o segredo, sem a presença de mais ninguém, aproximou-se o Padre Anchieta e lhes disse: “afastai-vos desta má intenção e vinde conversar comigo”. De que se indignou fortemente a testemunha contra o tal Domingos Dias, por lhe dizer que era segredo, e que já outros conheciam. Domingos Dias lhe jurou então que a ninguém comunicara o caso, ficando convencidos de que Deus revelara isso ao Padre José. E procurando ambos ao Padre José, sentiram-se de tal modo mudados que não só não matou o dito Domingos Dias a sua esposa, senão que, ausente que estava de casa,

em lugar oculto, recebeu-a de novo e com ela permaneceu em vida marital. O que sabia por ter tomado parte no episódio.

13-Padre Francisco Pires (ouvido a 7 de abril de 1622), natural de Aljustrel, Portugal, com 42 anos de idade, filho de Jorge Vaz e de Isabel Pires. Viera de Évora havia 13 anos e de lá tivera conhecimento da santidade de Anchieta e aqui, a cada dia, foi ouvindo novas maravilhas que se apregoam publicamente. Narrou um milagre ocorrido com ele mesmo, já desenganado pelo médico, com a utilização de uma relíquia do Padre Anchieta.

14-Álvaro Neto (ouvido a 7 de abril de 1622), natural de Viana de Caminha, com 70 e tantos anos de idade, filho de Afonso Álvares de Feijó e de Inês Afonso. Tratou com ele por mais de 30 anos e, por dois ou três, foi seu companheiro de jornadas. A testemunha tinha um sítio no bairro de Pinheiros, onde escravos (deveriam ser índios administrados) e ovelhas morriam. Uma filha sua morreu 15 dias depois do seu casamento, o que foi profetizado por Anchieta. Estando no Rio, a bordo para navegar para a Bahia, Anchieta larga tudo para salvar a alma de um pobre índio moribundo, para lhe ouvir confissão.

15-Felipa Vicência (ouvida a 7 de abril de 1622), natural de São Vicente, com mais de 80 anos de idade, filha de Pedro Vicente e de Maria de Faria. Tratou muitas vezes com o Padre Anchieta em São Vicente, o qual era seu diretor espiritual. Estando ela em São Vicente, enferma havia três anos, presa ao leito e com o corpo coberto de chagas, tão consumida que lhe apareciam os ossos através da pele e já abandonada por três médicos, não mais se alimentava, nem mais havia esperança de vida. Visitou-a então o Padre Anchieta e fez com que o cirurgião Antonio (Rodrigues?) com uma lanceta lhe abrisse uma das chagas, o que o médico o não queria fazer, só o fazendo quando o Padre José assumiu a responsabilidade. Aberta a chaga e com a abundância do humor maligno que daí escorreu, como ficou a testemunha quase morta, benzeu-lhe o Padre José a chaga com pequeno crucifixo que trazia consigo, dizendo-lhe estas palavras “Tu és pó e estavas morta, mas viverás ainda muitos anos, e a ninguém digas o que se passou”. Levantando-se ela do leito, por quase um ano ainda lhe purgou aquela chaga. Falando um dia sobre isso, na confissão, ao Padre José, este lhe disse que fizesse uma peregrinação a Nossa Senhora da Conceição (de Itanhaém) e que ele ali celebraria missa em sua intenção e que com a graça de Deus ficaria boa. Foi, em companhia de Madalena Fernandes Afonso e muitas outras pessoas já falecidas. Ali chegando, e celebrada a missa, imediatamente secou a chaga, com espanto de todos os presentes que diziam ser o Padre José um santo. Assinou por ela o filho Pedro do Prado, por ela não saber escrever.

16-Leonor Leme (ouvida a 7 de abril de 1622), natural de Óbidos, Portugal, com mais de 80 anos de idade, filha de Pedro Leme e de Luzia Fernandes. Conheceu muito bem ao Padre Anchieta e lhe assistiu à primeira missa (em São Vicente, 1567) e que era tido por santo por todos publicamente, com ele se confessou muitas vezes. Sabia que fez milagres e tinha espírito de profecia: o caso da paz quebrada pelos tamoios, comunicado por Anchieta ao Padre Nóbrega, diante de Antonio Luís, em Iperoig.

17-Mência da Penha (ouvida a 7 de abril de 1622), natural de Conceição de Itanhaém, com mais de 70 anos de idade, filha de Antonio da Penha e de Francisca de Góes. Conheceu bem ao Padre José de Anchieta, tendo com ele se confessado muitas vezes. A preocupação de seu marido Álvaro Neto: morriam escravos e ovelhas, como dotar a filha casadoura? Anchieta lhe disse que tivesse calma, não se preocupasse, porque a filha estava casada, já pertencia a Deus. Estando bem, dentro de 15 dias adoeceu e morreu. Outro caso semelhante foi a de uma filhinha de Beatriz Pinto e de João Vieira, moradores em São Paulo. Pediam-lhe estes bênção para a criança e Anchieta lhes disse: ela a mim me pode abençoar, pois era do céu que não da terra. Estando sã, nesse dia morreu. Sabia do caso por estar presente a tudo. Sempre teve o Padre José como santo, o que todos faziam e agora o invoca em suas necessidades. Assinou por ela Calixto da Mota.

18-Mateus Luís Grou (ouvido a 7 de abril de 1622), natural de São Paulo, com 44 anos de idade, filho de Domingos Luís Grou e de Maria da Pena. Foi seu discípulo na escola em São Paulo e aqui o acompanhou em caminhadas.

19-Manoel Francisco (ouvido a 9 de abril de 1622), natural de Guimarães, com mais de 50 anos de idade, filho de Baltazar Francisco Pinto e de Maria Gonçalves Freitas. Viu-o no Colégio da Bahia.

20-Ana Ribeiro (ouvida a 9 de abril de 1622), natural de São Vicente, com mais de 60 anos de idade, filha de Estevão Ribeiro e de Madalena Fernandes. Durante algum tempo com ele se confessou em São Vicente. Relatou um milagre acontecido com seu filho, Jerônimo, que então contava 2 anos de idade. Estava há três dias sem se alimentar. Apresentou-o ao Padre Anchieta, que passava pela sua porta. “Deixe-o ir para o céu”, disse Anchieta. Isso à noite. No dia seguinte o menino estava bom, inclusive de uma ferida incurável que até aí tinha no rosto. Todos reconheceram o milagre: nem um sinal! Narrou outro episódio, em que tomou parte seu marido Antonio Rodrigues, que abandonou um índio que estava enfermo havia 5 anos. Voltando Anchieta à vila de São Vicente, pede a Antonio que tratasse do índio. Fazendo-se vir o índio de São Paulo para São Vicente, onde ficou internado em casa dos padres destinada aos índios, lá o medicou Rodrigues três ou quatro vezes. Sarou prontamente. A cura foi atribuída a Anchieta. De relíquia, possuía um dente dele. Sobre Anchieta disse ser ele “homem milagroso, apostólico, celeste”. Assinou por ela seu filho Antonio Pedroso.

21-Luís Anes (ouvido a 11 de abril de 1622), o moço, natural de São Paulo, com cerca de 50 anos de idade, agricultor, filho de Luís Anes e de Guiomar Rodrigues. Conheceu bem ao Padre Anchieta, que viu algumas vezes em São Paulo. Discorreu sobre profecias que ele fez sobre seu pai, Luís Anes, o velho e sobre seu avô paterno Domingos Luís, o Grou. Sua mãe, Guiomar, e sua avó Maria da Pena, estavam vestidas de luto, quando as visitou Anchieta e lhe disse que se enlutaram antes da hora: “vivem ainda, a misericórdia de Deus é grande, rezem por ele, pois ainda estão entre os vivos, quanto à sua volta nada prometo”.

.....

Processo Apostólico de Évora - ano de 1626:

Testemunhas ouvidas no convento de Salvador, da Ordem de Santa Clara, em Évora. Era Procurador o Padre Estevão do Couto:

- 1- **Cônego Pedro Álvares Correia** (ouvido a 27 de abril de 1626), licenciado. Natural do Espírito Santo, Brasil, com 36 anos de idade, filho de Miguel de Azeredo e de D. Luiza Correia. Seu pai possuía relíquias de Anchieta, como um dente e “muitas cartas”, trazidas do Brasil. Anchieta esteve presente no engenho de seu pai.
 - 2- **Dona Luiza Correia** (ouvida a 29 de abril de 1626), natural de Lisboa, com cerca de 65 anos de idade, filha de Pedro Álvares Correia e de Antonia de Abreu. Conheceu muito bem ao Padre Anchieta, o qual freqüentava sua casa no Espírito Santo, onde ela viveu 44 anos com seu marido Miguel de Azeredo. Seu marido recebeu um quadro de doação do Padre Anchieta.
 - 3- **Dona Luiza Grimaldi das Chagas** (ouvida a 30 de abril de 1626), freira professa do Mosteiro de Nossa Senhora do Paraíso, da Ordem dos Pregadores, natural de Nice, Itália, com cerca de 85 anos de idade, filha de Pedro Álvares Correia e de Catarina Grimaldi. Conheceu muito bem ao Padre Anchieta, que fora seu confessor, quando era vivo seu marido Vasco Fernandes Coutinho. Anchieta assistiu a morte de seu marido.
 - 4- **Madre Beatriz do Espírito Santo** (ouvida a 30 de abril de 1626), natural do Espírito Santo, com cerca de 40 anos de idade, filha de Miguel de Azeredo e de D. Luiza Correia. Anchieta profetizara que seu pai nunca seria rico, mas nada lhe faltaria. Rezou missa na capela do engenho do pai. Ela guardava o quadro de Nossa Senhora que Anchieta dera a seu pai. Assinou *Sor Brites do Espírito Santo*.
 - 5- **Madre Cândida de São Domingos** (ouvida a 29 de abril e 1626), natural do Espírito Santo, com cerca de 36 anos, filha de Miguel de Azeredo e de D. Luiza Correia. Foi batizada por Anchieta. Assinou.
 - 6- **Sebastião Cubelos** (ouvido a 4 de maio de 1626), natural de Évora, de cerca de 50 anos de idade, filho de Pero Simões de Sá e de Joana da Mata. Não deve ter conhecido Anchieta pessoalmente.
 - 7- **Miguel Severim de Faria** (ouvido a 4 de maio de 1626), Chantre, natural de Lisboa, filho de Gaspar Gil Severim e de Juliana de Faria.
 - 8- **Madre Serafina do Salvador** (ouvida a 6 de maio de 1626), abadessa do Convento do Salvador, da Ordem de Santa Clara, natural de Viseu, de cerca de 45 anos de idade. Disse que havia uma relíquia de Anchieta no convento (vértebra do pescoço).
 - 9- **Sor Catarina da Encarnação** (ouvida a 6 de maio de 1626), natural de Évora, com cerca de 38 anos de idade, filha de Paulo Ramalho e de Isabel Simões.
-

Processo Informativo de São Paulo - ano de 1627

Por morte do Bispo de Salvador Dom Marcos Teixeira de Mendonça, os Juizes Comissários delegados, membros do Tribunal da Sagrada Rota, encarregaram e mandaram ao Licenciado Pedro Velho, Arceidiago da Sé Catedral da Bahia, provisor em toda a diocese, ao Licenciado Cônego Diogo Lopes e ao Cônego Belchior Pereira que, como juizes subdelegados, corressem com a causa da canonização do Servo de Deus José de Anchieta, sacerdote religioso da Companhia de Jesus.

Os juizes comissários foram João Batista Coccino, decano do Tribunal da Rota, Afonso Man...do de Quiñones, Patriarca de Jerusalém, auditor loco-tenente, e Felipe Piovano, auditor.

O documento, ou carta remissória, foi assinado de Roma a 7 de outubro de 1624, no Pontificado de Urbano VIII.

A 1º de fevereiro de 1627, os Juizes Comissários subdelegados, Licenciado Pedro Velho e os Cônegos Diogo Lopes e Belchior Pereira, nomeiam o Vigário de São Paulo e os mais de qualquer outra vila para que em seu distrito e limites dessa vila se façam as diligências necessárias para que a causa tenha seu desejado fim e conclusão. Redige o documento o Licenciado Manoel Caval, escrivão da Câmara dos Senhores do Cabido.

“Mandado de procuração” do Vice-Provincial Padre Manoel Fernandes ao superior de São Paulo, Padre Salvador da Silva, na causa de Anchieta.

“Digo eu o Padre Manoel Fernandes da Companhia de Jesus, vice-Provincial desta Província do Brasil, que eu faço e constituo meu procurador bastante ao Padre Salvador da Silva da mesma Companhia, superior desta Casa de Santo Inácio, para apresentar as remissórias que a Santidade de Urbano VIII passou e mandou à beatificação e canonização do Reverendo Padre José de Anchieta, Provincial que foi desta Província do Brasil, e para correr com os processos que, por virtude delas, se hão de fazer, sobre as virtudes e milagres do mesmo padre. E para isto lhe dou todos os poderes em direito necessários e para poder também substalecer esta procuração em toda pessoa da mesma Companhia. Em testemunho do qual, lhe dei esta, por mim feita e assinada e selada com o selo ordinário do meu ofício. Piratininga de São Paulo, 14 de março de 627. Manoel Fernandes”.

Foi designado notário Simão Borges Cerqueira e para nuncio ou cursor João Clemente. À essa primeira audiência, 5 de julho de 1627, estiveram presentes como testemunhas João Maciel Valente e Domingos Leme. É nomeada a matriz de São Paulo como lugar competente para se ouvirem os homens e a capela de São Miguel para serem ouvidas as mulheres. No dia seguinte, pela manhã, sendo escrivão Manoel da Cunha, estiveram presentes como testemunhas Alonso Peres Cañamares, Geraldo Corrêa e Ambrósio Pereira. O interrogatório iniciou-se apenas em outubro do mesmo ano, sendo nomeado Juiz Comissário o Padre João Pimentel.

Testemunhas ouvidas em outubro de 1627 na vila de São Paulo:

1- **Antonio Raposo** (ouvido a 5 de outubro de 1627), natural da vila de Mafra, arcebispado de Lisboa, com cerca de 70 anos de idade, filho de Álvaro Aires Ferrão e de Susana Nunes Raposo. Era casado com Isabel de Góes. Há quarenta anos conheceu ao Padre José na vila de Santos e depois, sendo visitador, nesta vila de São Paulo. Estando no Rio de Janeiro, encontrou-se com o dito padre, o qual lhe perguntara a ele testemunha para onde iria. Respondeu que para Portugal. Perguntou novamente Anchieta em qual navio. Ao saber que seria em um navio de Jerônimo Perestrelo, mandou que retornasse para sua casa, porquanto haveria de ser roubado o dito navio. Foi o que depois aconteceu. Não assinou por o não saber.

2- **Mateus Luís Grou** (ouvido a 11 de outubro de 1627), natural de São Paulo, com cerca de 50 anos de idade, filho de Domingos Luís Grou e de Maria da Peña. Sendo rapaz, foi seu discípulo na escola e o acompanhou muitas vezes. Vindo Anchieta por visitador, fora visitar no Ibirapuera a casa de Clemente Álvares, que recebeu em sua casa e sítio o dito padre. Com sua chegada as flores de hortelã floresceram, não tendo flor nenhuma. Ele testemunha, junto com os mais moços da escola, foram ver. Outro caso narrado foi o de seu pai e demais companheiros que estavam no sertão em uma jornada, sendo tidos e havidos por mortos e se lhes fazia inventário de suas fazendas, por haver 7 anos que lá andavam, apartados desta vila. Do púlpito da igreja, Anchieta disse para não fazerem os inventários de Domingos Luís Grou e de seus companheiros, porquanto todos estavam vivos e somente lhes faltava uma passagem para passarem, a qual passagem suposto que o dito padre a não declarou, entenderam ser um encontro que tiveram no caminho com o gentio. Ouviu dizer a Estevão Ribeiro, o velho, o caso do breviário que lhe faltou na vila de Nossa Senhora da Conceição.

3- **Manoel Godinho de Lara** (ouvido a 16 de outubro de 1627), natural da capitania do Espírito Santo, com cerca de 55 anos de idade, filho de Francisco Godinho e de Joana Fernandes. Conheceu-o e tratou com ele familiarmente na capitania do Espírito Santo e se confessou com ele. Narrou um caso acontecido na sua pátria, na capitania do Espírito Santo, quando se estava a construir um forte. Lá chegando, Anchieta lançou uma bênção à obra do forte dizendo que “fazei e não vos enfadeis, porque este forte há de defender esta terra, porque se os inimigos agora não vem virão até cinco de agosto, e, se não vierem até então, não virão cá.” A batalha iniciou-se aos seis e foram os inimigos vencidos. (A repulsa a Cavendish se deu a 6 de agosto de 1592).

4- **Pedro Leme** (ouvido a 18 de outubro de 1627), natural da vila de São Vicente, com cerca de 61 anos de idade, filho de Brás Esteves e de Leonor Leme. Sendo de idade de 10 anos, conheceu-o na vila de São Vicente, de depois nesta de São Paulo e tratou com ele familiarmente até a idade de 25 anos. Sendo ele testemunha seu discípulo, entrando em uma obra que o dito padre fez, estando o teatro posto e preparado e a gente ao redor se armara

uma nuvem grossa ameaçando chuva e a gente se recolhia por fugir da água, acudiu o dito padre dizendo que se aquietassem, que não era nada. E a nuvem ficou ameaçando água por espaço de três ou quatro horas que durou a obra, a qual acabada começou a chover de tal maneira que a gente se recolheu para suas casas com muito trabalho. Outro caso aconteceu com sua sogra. Ela estava muito doente e chegou o Padre José que lhe disse que daquela doença ela não morreria e que ainda viveria muitos anos. Dizendo-lhe isto, leu um evangelho. Assim aconteceu, porque ela viveu muitos anos. Narrou um caso em que Anchieta fora salvar um pobre índio, que estava amarrado em uma corda, para ser morto. Ele chamou um moço, seu discípulo, que depois se chamou Pascoal Leite, dizendo-lhe: “Levanta-te, Pascoal, vamos salvar uma alma”. Embarcou com Pascoal em uma canoa, andaram nove léguas e foram ter à aldeia do gentio. Lá persuadiram os que o queriam matar, o resgatou e depois o batizou.

5- **Ascenço Ribeiro** (ouvido a 20 de outubro de 1627), natural de São Vicente, com cerca de 61 anos de idade, filho de Estevão Ribeiro e de Madalena Fernandes. Há mais ou menos 47 anos o conheceu e tratou com ele familiarmente na vila de São Vicente. Possui um fio de seu gibão como relíquia. Muitas vezes o acompanhou. ajudou-lhe muitas vezes na missa. Seu pai, Estevão Ribeiro, foi companheiro de jornadas de Anchieta. Um cunhado dele testemunha tirara um dente ao dito padre, e vendo o dito padre que lhe guardavam o dente, disse que o botassem fora, o que eles não quiseram fazer. Ao que dissera o dito padre: “Já que não quereis botá-lo, guardai-o! E até hoje o tem em grande veneração.” Estando ele testemunha no sertão, pediu o pai e a mãe dele testemunha a Anchieta lhes dissesse, se ele testemunha e um seu irmão casado eram vivos ou não. O dito padre nunca deferiu ao irmão casado, somente disse dele testemunha que dali a quinze ou vinte dias viria, como na verdade veio, no dito tempo, dando por novas como seu outro irmão era morto, o que todos tiveram por profecia, porque o pai e a mãe dele testemunha e a mulher do dito seu irmão, por mais que perguntaram ao dito padre pelo defunto, dizendo que não perguntavam por ele testemunha, senão por seu irmão por ser casado e ter filho, o dito padre se não declarava mais que dizer que o encomendassem a Deus.

6- **Matias de Oliveira** (ouvido a 21 de outubro de 1627), natural da vila de São Vicente, com cerca de 70 anos de idade, filho de Tristão de Oliveira, de Beja, e de Joana Ferreira, de Santos. “Conheceu ao padre José de Anchieta e o tratou e comunicou familiarmente, assim na vila de São Vicente como em Santos, e nesta de São Paulo, sendo ele testemunha moço de doze anos até a idade de trinta e três anos pouco mais ou menos.” Seu cunhado João Gago, sendo moço, engasgou-se. Mandaram-no por na capela do seu mosteiro quase morto. Anchieta o bafejou no rosto, benzendo. Foi servido Nosso Senhor que o menino tomasse em si, e hoje de presente é vivo. Ele testemunha o viu arrebatado do solo, em oração, como se estivesse em êxtase.

7- **Álvaro Neto** (ouvido a 22 de outubro de 1627), natural da freguesia de Santa Marta, do termo de Viana, com cerca de 80 anos de idade, filho de Afonso Álvares de Feijó e de Inês Afonso. Haverá 50 anos que o conheceu e tratara familiarmente. Era seu cunhado Domingos Luís Grou.

8- **Aleixo Leme** (ouvido a 23 de outubro de 1627), natural da vila de São Vicente, com cerca de 64 anos de idade, filho de Brás Esteves e de Leonor Leme. Conheceu-o e tratou com ele assim em São Vicente, como nesta vila de São Paulo com muita familiaridade, por espaço de 25 anos, e com ele se criou. Estando ele testemunha na vila de São Vicente, para entrar por figura em uma obra que o dito padre fazia, estando muita gente junta desta capitania, viera uma serração muito grande.. Veio o dito padre e disse que se deixassem estar que não havia de chover.

9- **Gaspar Cubas** (ouvido a 27 de outubro de 1627), natural de Santos, com cerca de 56 anos de idade, filho de Diogo Gonçalves Ferreira e de Francisca Cubas. Conheceu-o e tratou com ele familiarmente desde moço, até a idade de 30 anos, na vila de Santos e de São Vicente e na de São Paulo. Achando-se, há dois anos, em sua fazenda no termo desta vila de São Paulo, lendo a Vida do dito padre.. Vindo da vila de São Vicente para esta vila de São Paulo, em companhia de Estevão Ribeiro e de Pascoal Leite, ouvira dizer que vinha o Padre José caminhando, diante deles, dois palmos do chão levantado.

10- **Mateus Leme** (ouvido a 2 de novembro de 1627), natural da vila de São Vicente, com cerca de 67 anos de idade, filho de Brás Esteves e de Leonor Leme. De relíquia, trazia consigo um pedacinho de costela. Anchieta induzia a ele testemunha e a outros que andavam em sua companhia que tivessem o desejo de dar a vida por amor a Deus. Ouviu do Padre Manoel Viegas, que Deus tem, que algumas vezes o via levantado da terra, estando em oração. Sabia ele testemunha que, quando o dito Padre José sabia que se cantava alguma música profana, logo pedia e a mudava ao divino, para que com a cantiga lhe entrasse a devoção. Ouviu dizer a Antonio Luís, morador na vila de São Vicente, que Deus tem.. Era sogro dele testemunha Domingos Dias.

11- **Maria Castanho** (ouvida a 19 de novembro de 1627), natural de Lisboa, com cerca de 70 anos de idade, filha de Antonio Rodrigues de Almeida e de Maria Castanho. Conheceu-o e tratou com ele, assim na vila de Santos, como nesta de São Paulo. Estando ela em artigo de morte, Antonio de Proença, seu marido, determinando desistir da viagem marítima já disposta, querendo retirar o que na dita viagem embarcaria, disse-lhe o Padre José que fosse, que sua mulher sararia. De outra feita, tendo de ir o seu marido para o Cabo Frio, estando ela testemunha receosa de algum perigo, Anchieta lhe deu um relicário de marfim, dizendo-lhe que não tivesse medo, trazendo aquele relicário ao pescoço. Que se houvesse alguma tormenta na viagem, que o metesse na água. Narrou outro caso em que houve uma cura, no parto, dando a luz a uma criança morta. Na capitania do Espírito Santo vivia uma irmã de João Lopes de Ledesma, seu genro.

12- **Maria Álvares** (ouvida a 22 de novembro de 1627), natural da vila de São Paulo, com cerca de 78 anos de idade, filha de Fernão Álvares e de Margarida, sua mulher. Conheceu-o e tratou com ele nesta vila de São Paulo por espaço de cinco anos, pouco mais ou menos. Mulher de Baltazar Gonçalves, conserva com veneração uma carta de Anchieta ao seu marido. Era seu cunhado Brás Gonçalves. Sebastião de Freitas assinou por ela.

13-Clemente Álvares (ouvido a 25 de novembro e depois a 14 de dezembro de 1627), natural da vila de São Paulo, filho de Álvaro Rodrigues e de Catarina Gonçalves. Tratou e teve comunicação com ele, o qual o batizou e lhe pôs o nome de Clemente, dizendo que assim se haveria de chamar por nascer na quinta-feira de endoenças, por ser dia de clemência e que isto se passara na vila de São Paulo. Narrou o caso em que floresceu uma pouca de hortelã. Em casa do seu sogro [Baltazar Gonçalves] comeu à mesa, onde estava o dito padre e juntamente um homem por nome Manoel Álvares.

14-Manoel Francisco Pinto (ouvido a 2 de dezembro de 1627), natural da vila de Guimarães, com cerca de 53 anos de idade, filho de Baltazar Francisco Pinto e de Maria Gonçalves de Freitas. Viu-o na Bahia há 33 ou 34 anos, posto que ele testemunha o não tratou. Prossegue: “Na Bahia tivera um companheiro por nome Antônio das Neves, o qual indo visitar ao dito padre para se despedir dele, por estarem de caminho para Portugal, fora o dito Antônio das Neves levando em companhia a ele testemunha. E que, levando o dito padre a Antônio das Neves a um eirado do Colégio da Bahia, que caía sobre o porto, onde estavam as embarcações e aí perguntara o dito padre ao dito Antônio das Neves em que embarcação iria para o Reino, o qual lhe disse: “naquela mais pequena”, apontando com o dedo, mostrando-lhe a mais pequena de duas que estavam para partir juntas. E Anchieta lhe respondeu, apontando para a grande duas ou três vezes, perguntando se iria naquela. E ele lhe respondeu que não, que iria na pequena mesmo. E o dito padre então lhe disse, lançando-lhe a bênção ao dito navio, que fosse nele, que Deus o levaria a salvamento. E ele testemunha se embarcou com o dito Antônio das Neves. Foram os dois navios em companhia. E indo assim em companhia, na altura da Ilha Terceira, uma grande tormenta fazia os mares comerem a nau grande. Eles iam no seu navio sem sentirem tormenta, vindo à popa tangendo em viola e dançando. E os da outra nau iam gritando, pedindo misericórdia a Deus. E a dita nau arribou à Ilha de Santa Maria sem leme, e tornando a fazer viagem foi tomada de inimigos. E eles, seguindo sua viagem, lhes deu uma tormenta, indo por cima de uns baixos e que lhe pareceu a ele testemunha, que não haveria quatro palmos de água e passaram a salvamento, sendo que as outras embarcações se perderam. Indo por diante, se encontraram com três navios de corsários que, cercando o navio, disse Antônio das Neves: “ânimo, que bom rogador temos!” E foi Nosso Senhor servido de os livrar fugindo deles aquela noite, e chegando à costa de Galiza, entraram nas Ilhas de Baiona. E logo voltaram em busca do porto de Viana, e no caminho encontraram uma nau de inimigos, que vinham com vento próspero, direto a eles. E que, nesse momento, dissera Antônio das Neves aos mais: “rememos, irmãos, que Deus nos há de levar a salvamento, por intercessão do Padre José, que lá fica rogando por nós”. E vindo já o navio sobre eles, subitamente lhes acalmou o vento. E a ele lhes dera o vento norte mui favorável com que entraram no outro dia no porto de Viana. O que tudo ele testemunha tem por milagres verdadeiros.

15-Baltazar Gonçalves (ouvido a 9 de dezembro de 1627), natural da vila de Santos, com cerca de 87 anos de idade, filho de Domingos Gonçalves e de Antônia Rodrigues. Por espaço de mais ou menos 16 anos tratou com o

Padre José, assim como nesta vila de São Paulo, como na de Santos, até ele partir para a capitania do Espírito Santo. Tem uma carta do dito padre e a estima como coisa de santo. Ouvia a Estevão Ribeiro, que Deus tem, que foi companheiro de Anchieta por muito tempo, que o vira levitar em tempo de oração e que o mesmo gentio que o acompanhava pelos caminhos davam fé disso. Estando um Amador Brás no sertão por espaço de 7 anos e cuidando sua mulher, que seu marido era morto, se queria casar. E sabendo isto o Padre José, mandou chamar a dita mulher e lhe disse que se não casasse porque seu marido era vivo, e que em breves dias o veria. Querendo Baltazar Gonçalves embarcar para a Bahia, Anchieta lhe faz mudar o propósito, recomendando que fosse para São Paulo e ele foi se confessar com o dito padre. O cunhado dele testemunha, Antonio Gonçalves, é salvo da forca, por ordem do capitão Jerônimo Leitão. O Padre José, antes mesmo de receber um recado que lhe tinham dado para salvar o infeliz, já estava a caminho da vila de Santos e lá chegando, aquietou tudo com o dito capitão. Outro caso narrado: “Estando ele, testemunha, na Capitania de São Vicente, no ano de oitenta e seis para oitenta e sete, sucedera na dita capitania, estando ele, testemunha, presente, que um morador na dita capitania, por alcunha o *Pancas*, se saíra de sua casa, com tenção danada, para o efeito de matar ao capitão da dita Capitania Jerônimo Leitão, entrando em sua casa para esse efeito. E acudindo muita gente, o prenderam. E sabendo o alcaide da Fortaleza da Barra Grande, por nome Tomás Garro, se viera da dita fortaleza à ilha, e sabendo o caso sucedido, determinara de enforcar o delinqüente, sem que ninguém o soubesse, à meia noite. E naquele mesmo tempo acudira o dito padre, que então servia de provincial, e se veio ter com o dito capitão mor Jerônimo Leitão, e lhe pediu que não consentisse que o dito delinqüente fosse enforcado, pondo muita instância nisso e pedindo-lhe de joelhos e com lágrimas. E o dito capitão mor dissera que de tal coisa não sabia e, por o dito padre o certificar assim, saíram ambos em busca do dito alcaide, pela meia noite. E se foram ter com ele e lhe pediram não quisesse dar execução à sua determinação e não enforcasse aquele homem. Do que o dito alcaide ficou muito espantado, porquanto a nenhuma pessoa tinha dito que havia de fazer aquilo. E somente na vontade propusera de dar a execução e enforcar aquele homem, como de efeito o ia para fazer. Pelos quais rogos deixou de fazer a dita determinação, o que logo se divulgou por toda a terra, atribuindo-o ao espírito de profecia que o dito padre tinha, e conhecimento dos pensamentos e interiores humanos. E afirmou, ele testemunha, ser assim por estar da maneira que tem dito, por se achar a tudo presente.

16-Jerônimo da Veiga (ouvido a 14 de dezembro de 1627), natural da vila de Santos, com cerca de 46 anos de idade, filho de Belchior da Costa da Veiga e de Estácia Antunes. Não conheceu-o pessoalmente, nem tratou com Anchieta. Por sua intercessão, estando no sertão, foi curado de enfermidade mortal, por conselho e intervenção do sogro João Gago da Cunha.

17-João Gago da Cunha (ouvido a 29 de dezembro de 1627), natural da vila de São Paulo, com cerca de 55 anos de idade, filho de Henrique da Cunha e de Felipa Gago. Haverá mais ou menos 42 anos que o conheceu, sendo ele testemunha moço, nesta vila. Quando era criança, de 7 anos de idade, mete-

ra na boca um anzol e se lhe escoara para baixo, e com ele quase afogado, fora levado em braços à portaria dos ditos padres da Companhia de Jesus, onde residia o dito Padre José, o qual, informado do caso, o mandara por a ele testemunha de joelhos, pondo-se o mesmo padre com outros padres da mesma maneira, e fazendo oração se sentira ele testemunha são... Relatou ainda a cura do genro João da Veiga, tendo já olhos de defunto e os dentes negros e quase que não podia já falar.

18-João Soares (ouvido a 30 de dezembro de 1627), natural de Ponte de Lima, com cerca de 75 anos de idade, filho de Antônio Fernandes Soares e de Isabel de Morim. Tratou com ele na vila de Santos por mais de 30 anos, com o qual tratava mui amiga e familiarmente, sendo seu companheiro, mandando-lhe porém que não contasse nada em sua vida do que lhe via fazer. Viu-o levantado no ar, uma vez em Santos e outra vez em Nossa Senhora da Conceição na vila de Itanhaém, a fazer orações. Contou vários casos milagrosos, um dos quais aconteceu na vila de Santos: estando morta a filha de Manoel de Oliveira Gago, a ressuscitara! O mesmo na Bahia, com uma sobrinha dele testemunha, filha de Diogo de Morim Soares, a qual agora está casada no Rio de Janeiro com Sebastião Fagundes (este milagre não pode ser tomado ao pé da letra, seria mais uma força de expressão: a filha de Diogo de Morim não estava morta de todo). Da testemunha era neta dele, Mecia Corrêa e filha sua, Isabel Soares. Anchieta evitou que ele, João Soares, cometesse um crime, convidado por um certo homem de São Vicente para ajudá-lo a matar sua mulher que fugira, assim também como o homem pelo qual lhe fugira. “Filho, não vades fazer!..” “porque vos castigará Deus Nosso Senhor”. Assim dissuadiu Anchieta a João Soares, quando este pensava ir “a cometer brigas ou outras cousas de pouco serviço de Deus”. E enviou João Soares à fazenda onde estava a mulher, escondida do marido, que a trouxe. Daí em diante viveram em paz e serviço de Deus.

19-Ana Ribeiro (ouvida a 7 de janeiro de 1628), natural da vila de São Vicente, com cerca de 68 anos de idade, filho de Estevão Ribeiro e de Madalena Fernandes. Conheceu-o e tratou com ele, e com ele se confessou muitas vezes, na vila de São Vicente, haverá pouco mais ou menos 50 anos, até o dito padre falecer. Ouvira muitas vezes suas missas, pregações e doutrinas, que o conheceu sendo provincial, superior e visitador, e isto na vila de São Vicente, no tempo que já tem dito. Teve um filho na Companhia que, com a idade de dois anos, já moribundo, foi curado por Anchieta e depois saiu dela. No que profetizara o Padre José: “Deixai-o ir para a glória, que não vos dê algum desgosto”. Seu marido, Antonio Rodrigues, que Deus tem, extraiu um dente de Anchieta, que ela conservava com grande veneração. A mãe dela testemunha também tinha grande veneração por ele. Narrou o episódio da peça de teatro que encenaram em São Vicente e não choveu enquanto a obra se desenvolveu, apesar das nuvens carregadas. “Ela e muitas outras mulheres lhe pediam que lhes fizesse alguns milagres e o dito padre pelejava com elas e as repreendia por lhes dizerem aquilo.” Assinou por ela seu filho Antonio Pedroso.

A 5 de junho de 1628, compareceu o Procurador Padre Salvador da Silva, S.J. e diz que não tinha mais testemunhas que dar, porquanto algumas eram falecidas e outras havia dificuldade por estarem longe e indispostas. Pede dois traslados de todo o processo para mandar a Roma. A pedido do mesmo, a 26 de junho foi designado o Clérigo Gaspar de Brito, de ordens menores, para cotejar os traslados com o original. Assinaram o termo de como cotejaram e acharam conformes os treslados, Simão Borges de Cerqueira, Gaspar de Brito e Manoel da Cunha, escrivão da Câmara.

“Certifico eu João Pimentel, Vigário perpétuo por Sua Magestade e Ouvidor da Vara desta Vila de São Paulo e seu termo que todos os sobreditos notários que intervieram neste processo e se assinaram são notários públicos em forma e se lhes dará inteira fé e crédito. Dia acima dito. São Paulo. O Vigário João Pimentel.”

Processo Informativo de Lisboa - ano 1627

O processo é encerrado em fevereiro de 1628, tendo sido Procurador o Padre Diogo Monteiro, S.J.

Testemunhas ouvidas na cidade de Lisboa, de agosto a setembro de 1627:

- 1- **Salvador Corrêa de Sá** (ouvido a 14 de agosto de 1627), natural de Barcelos, diocese de Braga, com cerca de 80 anos de idade, filho de Gonçalo Corrêa da Costa e de Felipa de Sá. Tratou com ele familiarmente no Brasil, sendo ali capitão e governador.
- 2- **Dr. Martim Leitão** (ouvido a 17 de agosto de 1627), Desembargador da Casa da Suplicação, natural de Soalhães, comarca do Porto, com cerca de 72 anos de idade, filho de Gonçalo Afonso de Paiva e de Ana Delgado. Conheceu e tratou com Anchieta, sendo Ouvidor Geral no Brasil e Provedor da Fazenda, dois anos de governador por morte de Manoel Teles Barreto.
- 3- **Padre Gaspar Fonseca**, S.J. (ouvido a 17 de agosto de 1627), natural de Camarate, com cerca de 62 anos de idade, filho de Jerônimo Gomes e de Isabel de Macedo. Conheceu e tratou com ele no Brasil haverá 40 anos. Foi seu companheiro na capitania do Espírito Santo.
- 4- **Belchior Sá Souto Maior** (ouvido a 17 de agosto de 1627), natural da Vila de Viana, arcebispado de Braga, com cerca de 55 anos de idade, filho de Cristóvão da Cunha e de Ana de Sá. Não chegou a conhecê-lo.
- 5- **Francisco Soares de Abreu** (ouvido a 17 de agosto de 1627), natural de Ponte de Lima, com cerca de 56 anos de idade, filho de Luís Siqueira de Abreu e de Inês Soares. Esteve no Brasil, mas não o conheceu.
- 6- **Padre Antonio de Matos, S.J.** (ouvido a 21 de agosto de 1627), com mais de 70 anos de idade (não declara naturalidade nem filiação). Não tratou com Anchieta.
- 7- **Diogo Fernandes de Elvas** (ouvido a 21 de agosto de 1627), natural de Lisboa, com mais de 50 anos de idade, filho de Fernão Rodrigues de Elvas e de Inês Lopes.

8- **Dr. Antônio das Póvoas** (ouvido a 2 de setembro de 1627), Desembargador dos Agravos, natural de Midões, bispado de Coimbra, filho de Antônio das Póvoas e de Felipa de Azevedo.

9- **Gaspar Barreto de Brito** (ouvido a 2 de setembro de 1627), lisboeta, filho do Dr. Martim Leitão e de Oriana de Brito (não declara idade). Tratara e conversara muitas vezes em casa do pai na Bahia. Sua mãe foi curada de uma intensa dor de dente por Anchieta.

10-**Padre Mateus Tavares, S.J.** (ouvido a 2 de setembro de 1627), com cerca de 56 anos de idade (não declara naturalidade e filiação). Conheceu e tratara com o Padre José.

11-**Padre Simão Sotomaior, S.J.** (ouvido a 7 de setembro de 1627), natural de Lisboa, com cerca de 43 anos de idade, filho de João Fernandes de Sotomaior e de Antônia de Paiva. Não o conheceu.

12-**Antônio Ribeiro** (ouvido a 7 de setembro de 1627), natural da vila de Palmela, arcebispado de Lisboa, com cerca de 40 anos de idade, filho de Antônio Ribeiro e de Inês Rodrigues. Não chegou a conhecê-lo.

13-**Padre Álvaro Pires, S.J.** (ouvido a 7 de setembro de 1627), natural de Lisboa, com 57 anos (completando no dia do seu depoimento), filho de Bernardino Ribeiro Pacheco e de Maria de Vilhena.

14-**Dr. Custódio de Figueiredo** (ouvido a 23 de setembro de 1627), Juiz dos Estados de El-Rei, natural de Lisboa, com mais de 60 anos de idade, filho do Dr. Pero Fernandes e de Bárbara Cardoso.

15-**Padre Álvaro Tavares, S.J.** (ouvido a 23 de setembro de 1627), natural de Lisboa, com cerca de 44 anos de idade, filho de Pero Lopes da Câmara (?) e de Ana Pinto Botelho. Soube de vários milagres de Anchieta, contados por Miguel de Azeredo e sua mulher.

16-**Padre Francisco Soares, S.J.** (ouvido a 28 de setembro de 1627), ainda não ordenado, natural de Portugal, com cerca de 22 anos (não declara filiação nem naturalidade).

17-**Padre Manoel Tenreiro, S.J.** (ouvido a 28 de setembro de 1627), com cerca de 55 anos de idade (não declara naturalidade nem filiação). Não chegou a tratar com Anchieta.

.....
Processo Apostólico do Rio de Janeiro - ano 1627

Depoimento das testemunhas:

1- **Gonçalo Álvares** (ouvido a 28 de abril de 1627), natural da capitania de São Vicente, com cerca de 67 anos de idade, filho de Salvador Álvares e de Francisca Fernandes. Conheceu-o muito bem, tanto na capitania de São Vicente, como nesta cidade. E o tratou e comunicou e fez muitas viagens com ele da dita capitania de São Vicente a esta. Sabia das suas virtudes porque criou-se e esteve de portas a dentro com ele na capitania de São Vicente.

2- **Antônio Cubas** (ouvido a 29 de abril de 1627), natural de São Paulo, com cerca de 57 anos de idade, filho de Antônio Cubas e de Ana Gonçalves. Conheceu-o e tratou na dita vila de São Paulo e nesta cidade. Foi ele quem o criou e ensinou a doutrina, e a ler e escrever. Conheceu-o também na capitania do Espírito Santo, haverá 40 anos, onde foi superior. “Dissera missa um dia na Bertioga na Ermida de Santiago, na capitania de São Vicente. E acabada a missa se partira logo para esta dita cidade, quarenta léguas de distância. E viu ao outro dia dizer missa neste dito Colégio, vindo ele testemunha em sua companhia do mesmo santo padre, na dita embarcação. Que se teve por verdadeiro milagre, porquanto até o presente não sucedeu outra semelhante”.

3- **Gaspar de Magalhães** (ouvido a 30 de abril de 1627), natural da vila de São Vicente, com cerca de 77 anos de idade, filho de Baltazar Fernandes e de Brites da Costa. Conheceu-o por tempo de alguns 20 anos, assim na capitania de São Vicente, como nesta cidade, o que haverá 57 anos, comunicando e tratando com ele no dito tempo, pelo dito padre lhe ensinar a doutrina.

4- **Manoel Gomes** (ouvido a 4 de maio de 1627), natural da vila de São Vicente, de 85 para 86 anos de idade, filho de Gomes Eanes e de Ana Tristão. Conheceu-o por espaço de 15 até 20 anos, por se criar com ele, haverá 70 anos, pouco mais ou menos, assim na capitania de São Vicente, como nesta cidade e colégio. “Não quis aceitar a prelazia da Casa de São Vicente e foi necessário obrigá-lo com obediência”. Narrou um caso acontecido na mocidade dele testemunha, quando teria de idade 23 anos, pouco mais ou menos: Querendo tratar de ir o Capitão Jerônimo Leitão dar guerra ao inimigo gentio tamoio, ao sertão onde chamam a Paraíba, e tendo já a gente junta e embarcada para se partir, o dito padre fora com ele a embarcá-lo ao porto. E lhe disse o dito capitão: “vou mui triste, meu Padre, e temeroso de haver cometido esta empresa”. Ao que lhe respondeu o dito padre: “Vá Vossa Mercê, mui confiado, que nela há de ter muito bom vencimento, ainda que há de ter alguns encontros dificultosos. Não deixe de seguir a empresa, porque quando muito morrerão dois homens de sua companhia”. E assim sucedeu, como o dito padre profetizou, porque ele testemunha ouviu as ditas palavras e foi na própria companhia com o dito capitão, que venceu e morreram somente dois homens. Ele testemunha recebeu uma flecha envenenada (hervada), de que esteve muito mal. E porque os dois homens já eram mortos, ele teve muita esperança e muita fé de que não morreria.

5- **Miguel Aires Maldonado**, natural de Telde, Grande Canária, Ilhas Canárias, com cerca de 58 anos de idade, filho de Brás Sanchez Zambrano e de Leonor Suárez Maldonado. Estava havia mais de 35 anos no Brasil (São Vicente).

6- **Belchior Ferreira** (ouvido a 8 de maio de 1627), natural da vila de São Vicente, com mais de 80 anos de idade, filho de Belchior Ferreira e de Catarina Monteiro. Conheceu-o na capitania de São Vicente e nesta cidade, de 74 anos para cá, pouco mais ou menos. E o tratara familiarmente porque ele o criou e doutrinou. Foi seu companheiro em visitas e jornadas em Santos, Bertioga, Itanhaém e São Paulo. Viveu com Anchieta na Casa de São Vicen-

te. Eram tios dele testemunha Gregório Ferreira e Baltazar Ferreira. Por morar com ele de portas a dentro, o vira por muitas vezes arrebatado e levantado do chão, suspenso no ar mais de dois palmos. E, pela mesma comunicação, sabia que o Padre José não dormia mais que uma hora por dia, gastando todas as mais em oração. “Na vila de Santos, capitania de São Vicente, fora ele testemunha com o dito Padre José Anchieta a visitar um enfermo, por nome Nicolau Grillo, genovês, o qual estava com a candeia na mão para morrer, de uma chaga, que lhe tomava toda uma ilharga da parte direita, com a carne tão gastada que quase se lhe enxergavam as entranhas, porque só tinha a teagem da banda de dentro dos ossos. E chegando-se o Padre, lhe descobrira o dito enfermo a chaga e lhe dissera... ide e promettesse uma esmola a Nossa Senhora. O que ele fez, mandando logo vir um ornamento inteiro de cetim carmesim e um lampadário de prata do Reino, para a Igreja de Nossa Senhora da dita vila de Santos. E isto foi público e quase todos os moradores dela ouviram e deram graças a Deus por tão grande milagre. E todos estes devem de ser mortos, por ser coisa muito antiga, por haver mais de sessenta anos que isto aconteceu.” Em outra oportunidade, foi ele testemunha com Anchieta e seu companheiro, o Padre Leonardo do Vale, e sete ou oito índios em uma canoa, da Bertioga para a dita vila de Santos, em um dia de mui grande calma, se queixava o dito padre Leonardo da calma que padeciam. E olhando o Padre José no mesmo tempo para trás, via vir voando pelo ar um bando de pássaros, que chamam guarases. E, falando com um que vinha adiante, na língua do Brasil, que fizesse parar seus companheiros pássaros ali sobre eles. E no mesmo fizera o pássaro dianteiro um caracol, como ajuntando aos companheiros e se puseram sobre a embarcação, fazendo-lhe sombra e assim foram um grande pedaço de tempo, que seria meia hora pouco mais ou menos. E vindo depois uma nuvem que cobriu o sol, lhes dissera o dito padre, pela mesma língua, que eles fossem embora, o que eles fizeram, desamparando a canoa. De que, espantado um índio principal que ia nela, dissera que levavam ali um santo. Andando dois homens portugueses, por nome Francisco Corrêa e Domingos Luís na vila de São Vicente, levantados com o gentio do sertão, o Capitão Jorge Ferreira fizera muito por o haver, mas sem efeito. E oferecendo-se o Padre Anchieta a os ir buscar, fora e os trouxera. Em o caminho, indo por um rio se virara a canoa, ficando o Padre no fundo, por um pedaço de tempo, sem se afogar. E entrando depois os índios na água a o buscar, o acharam embaixo dela em oração, o que todos então tiveram por milagre. Mas que ele testemunha o não viu, só ouviu publicamente. Mas que vira, estando ele testemunha com o dito padre na Casa de São Vicente, ele lhe dera um escrito para o dito Capitão Jorge Ferreira, em que lhe dizia que o dito Francisco Corrêa lhe queria pedir licença para tornar ao sertão, e que convinha ao serviço de Deus não lhe dar. E encarregara a ele testemunha fosse muito depressa, antes que o dito Francisco Corrêa se partisse, porque se estava embarcando. E que, chegado ele testemunha e dando o dito escrito ao dito Capitão, ele dissera que não daria a tal licença. E neste momento chegou o dito Francisco Corrêa e lha pedira. E por lha negar, se soltara em palavras, de que sentido um filho do dito capitão, o repreendeu, de que o dito Francis-

co Corrêa se agravou e lhe atirou uma flechada, em retorno da qual o dito filho do dito capitão, por nome Gregório Ferreira lhe atirou outra, com que o matou logo. E tornando-se ele testemunha para onde o dito padre estava, que era daí distância de quatro léguas, sem haver pessoa outra que pudesse dar notícia do sucedido, o dito padre, em lhe chegando, lhe dissera: “basta, que matou vosso tio a Francisco Corrêa”. E dizendo ele testemunha que sim, tornava o dito padre a dizer: “não o matou ele, senão mataram-no seus pecados!” O que mais se confirmou, quando se soube depois que o dito Francisco Corrêa e seu companheiro Domingos Luís, estavam consertados a levarem suas mulheres e filhas para o sertão e as entregarem aos índios, em troca de suas mancebas que no sertão tinham. O que tudo se teve por milagre e revelação que Nosso Senhor fez a seu servo o Padre José Anchieta”. Na vila de São Vicente houvera uma índia, por nome Luzia, a qual se fingia muito virtuosa, enganando aos padres, com quem se confessava e comungava todos os oito dias, por respeito da qual devoção os padres a estimavam e tinham particular cuidado dela. E ouvido esta dita índia uma vez à Igreja estando ausentes os padres que a confessavam, mandara, por ele testemunha, chamar ao dito Padre José Anchieta para se confessar e comungar à sua missa. E dando-lhe ele testemunha o recado, o dito padre não quisera esperar, dizendo que ia dizer missa e não podia esperar, que ao outro dia se confessaria. E fingindo-se ela, daí a poucos dias, doente, os Padres Vicente Rodrigues e o Padre Manoel da Nóbrega, que eram os que a confessavam, lhe mandaram duas romãs e dois cachos de uvas e uma laranja, por ele testemunha, que, depois de lhas levar, tornando para casa, lhe dissera o dito Padre José Anchieta, aludindo ao presente, que tinha levado: “cansais debalde, Belchior”. O que ele testemunha teve a mau indício, porque, já neste tempo, estava o dito padre por santo e imaginar saberia alguma coisa má da dita índia. como em efeito parecia saber, porque daí a poucos dias arrebitou por uma ilharga de que morreu, deitando também uma criança morta, com que ficou persuadido ter o dito Padre notícia do fingimento e hipocrisia com que a dita índia andava. Indo ele testemunha com o dito Padre José de Anchieta de São Vicente para São Paulo, estando já em meio caminho, seis léguas, pouco mais ou menos, donde tinham partido, e aposentados para aí dormirem aquela noite, o dito padre dissera a ele testemunha que desse o breviário para rezar. E buscando-o na canastra, onde costumava ir, e em todas as mais partes onde poderia estar, o não achara. E se fora dizer ao dito padre que o breviário esquecera em casa. Ao que o dito padre respondeu: “deixai”. E apartando-se um pouco para o mato, o dito padre se assentara no chão, aonde, daí a espaço de meia hora, pouco mais ou menos, o via estar rezando pelo breviário. De que, espantado, lhe perguntara onde o achara. E ele respondera que o fora buscar à dita casa de São Vicente. E que ao tempo que lá chegara, estavam os padres à mesa. O que ele testemunha teve por grande milagre, por ser impossível naturalmente andarem-se seis léguas de tão ruim caminho, como é aquele, em espaço de meia hora. Outrossim, viu ele testemunha que na vila de São Paulo, querendo-se publicar um jubileu, na véspera à tarde se achou estar a bula dele na vila de São Vicente, jornada de três dias de caminho. E angustiados os pa-

dres por isto, dissera o dito padre José de Anchieta não se agastassem, não tomassem trabalho, “que eu a irei buscar”. E tomando o chapéu e bordão saíra pela porta fora já tarde. E ao outro dia pela manhã, entrava pela dita porta, com a dita bula na mão, que se publicara. Pregando o dito Padre José Anchieta na vila de Santos, na igreja matriz, se debruçara sobre o púlpito, dizendo aos ouvintes rezassem um Pai Nosso e uma Ave Maria, pelo sucesso dos moradores daquela vila que estavam no sertão, onde ele testemunha também foi, para darem em uma aldeia de tamoios inimigos, porque naquela hora haviam de combater a dita aldeia e alcançar vitória. E vindo ele testemunha depois, com seus companheiros seus, acharam a fama disto dito. E combinando com a hora e dia, averiguaram ser assim e da maneira que o dito padre o tinha dito no púlpito, não sendo possível naturalmente sabê-lo por via alguma pela muita distância dos lugares. Andando um tio dele testemunha, por nome Baltazar Ferreira, mal encaminhado com uma mulher casada, o pai dele dito Baltazar Ferreira o sentia muito. E não podendo por via alguma apartá-lo da ocasião e mau estado, pedira ao Padre José Anchieta, que fora a visitar ao dito pai do dito Baltazar Ferreira, que repreendesse ao dito seu filho, para que se apartasse daquele mau estado. E o dito padre lhe dissera que descansasse, que ele pediria a Deus o tirasse daquele pecado. E dentro daquela semana o dito mancebo se apartou da má ocasião, de tal modo que nunca mais a quis ver; antes pediu ao dito seu pai lhe desse mulher, como também o dito padre lhe tinha profetizado que ele haveria de fazer. O que ele testemunha tudo viu e se achou presente. E o teve por milagre, pela dificuldade que havia no dito mancebo em se apartar. Estando ele testemunha com o dito Padre José Anchieta na igreja de Nossa Senhora da Conceição, da vila de Itanhaém, se queixaram os mordomos da confraria da dita Senhora, de não terem azeite para a lâmpada. Em especial um Pero de Urtunho, castelhano, falando com o dito padre lho significou. Ao que o dito padre respondeu que fizessem mais diligência que poderia ser achassem. E replicando o dito Pero de Urtunho que não havia que fazer diligência, pois já tinham virado a botija com o fundo para cima, sem dele correr azeite algum, o dito padre lhe disse: “ora, não tomem por trabalho tomar a ver, que pode ser que o achem”. E indo o dito Pero de Urtunho, com os mais companheiros ver a botija, a acharam cheia de azeite. O que visto, publicaram logo todos, em altas vozes: “milagre, milagre, milagre”. E que o Padre José Anchieta tinha feito milagre. E os que dele tiveram notícia, concorreram de várias partes com vasilhas de azeite para o trocarem por aquele que tinham por milagroso, para dele se valerem em suas enfermidades”. “Fora público e notório na vila de Itanhaém que, pregando o Padre José de Anchieta um dia, ficara no púlpito como em êxtase. E cuidando os ouvintes que era acidente, o dito padre, tornando em pé, dissera que não era nada, que fora acompanhar a Senhora da Conceição, que tinha ido a socorrer a uma sua devota que chamara por ela. E que em sinal, estavam os vestidos molhados, digo, orvalhados, o que logo todos foram ver e certificados do dito do dito padre. E vindo depois o dito padre para casa, onde ele testemunha ficara, por estar enfermo e o não poder acompanhar, lhe dissera o dito padre: “Belchior, se vós foreis comigo, vireis uma coisa bela”. Qual foi o caso acima. O que lhe dissera, por

ele testemunha lhe perguntar que acidente fora aquele que lhe deu no púlpito, por correr já em toda a vida a fama dele”. Viu ele testemunha admoestar o dito padre a um homem, por nome Baltazar Fernandes, que andava mal encaminhado com uma mulher casada. Mandou Anchieta que saísse desse mau estado e visse o estado de enfermidade em que se encontrava, tão disforme que só se viam olhos e dentes no rosto. Ao que o homem respondeu: “Padre, morra gato, morra farto”. “Pois, desenganai-vos”, lhe disse o Padre, “que daqui a cinco dias vos hão de matar”. E assim foi que, dentro do dito tempo, o mataram com a própria mulher com quem estava amancebado, com escândalo público”. “Encontrando ele testemunha com o Padre José de Anchieta na Guarativa, em cuja busca ele testemunha ia e João Gomes Sardinha e o Padre Manoel da Costa e Gregório Ferreira, todos já defuntos, que vinha de São Vicente, estava aí, na fazenda de Jorge Ferreira, uma negra, que havia dois anos que não falava e somente lhe palpitava o coração. E tanto que o dito padre se foi chegando para a dita negra, ela falou”...

7- **Catarina de Espinha** (ouvida a 31 de maio de 1627), natural de Ilhéus, viúva, com cerca de 70 anos de idade, filha de Manoel Veloso e de Catarina de Medeiros. Conheceu ao Padre Anchieta na vila de Santos e aqui nesta cidade e isto haverá 53 anos, pouco mais ou menos. Estando ela testemunha para morrer, já totalmente desconfiada da vida, de uma criança que tinha no ventre, morta havia oito dias, mandara chamar ao dito Padre, para se confessar com ele, como confessou. O qual depois de a absolver, lhe dissera que não havia de morrer, antes havia de parir um filho macho aquela noite. E que lhe pusesse nome José. E na mesma noite lançara o corpo de uma criança morto, sem trabalho nem dor, sem pena alguma. E queixando-se ela testemunha ao dito Padre, como o menino nascera morto e lhe não haver de por o nome que Sua Reverência lhe tinha dado; o dito padre lhe dissera estar já a dita criança morta, mas que não desanimasse, lho não explicaria, mas que em seu lugar pariria outro, a quem poria o nome José. Não sabia escrever.

8- **Irmão Francisco Dias, S.J.** (ouvido a 31 de maio de 1627), natural da freguesia de Ventosa, termo de Alenquer, com cerca de 91 anos de idade, filho de Diogo Álvares e de Brites Dias. Conhecera-o por espaço de dez ou doze anos, andando com ele em muitas viagens, por mar e por terra, desde 1578 até que morreu.

9- **Margarida da Costa** (ouvida a 1º de junho de 1627), natural da vila de São Vicente, com cerca de 72 anos de idade, filha de Baltazar Fernandes, o Magalhães, e de Brites da Costa. Conhecera-o muito bem em São Vicente e no Rio, desde a sua meninice. Ele foi seu confessor e lhe ensinou a doutrina cristã. Não sabia escrever.

10- **Manoel Francisco Picão** (ouvido a 2 de junho de 1627), natural do Aveiro, com cerca de 80 anos de idade, filho de João Eanes Picão e de Francisca Fernandes. Conheceu-o muito bem, no Rio, em São Vicente, na Bahia e finalmente em toda esta Costa do Brasil, e com ele navegou, e isto haverá 50 anos. Declarou que ele era muito rigoroso no trato da sua pessoa, o que ele testemunha vira nas embarcações em que com ele andava, nas quais nunca se recolhia em camarote nem dormia em cama, senão porque vinha

ao pé do mastro, aonde também comia, sem mais aparato que um guarda-
napo sobre os joelhos, e que no comer era tão parco como o podia ser um
ermitão. E que esta era a prática dos mais companheiros que com ele anda-
vam no navio, no tempo em que ele era provincial.

11-Crispim da Cunha (ouvido a 2 de junho de 1627), natural de Évora, com
cerca de 74 anos de idade, filho de Duarte Vaz Tenreiro e de Ana Gonçal-
ves. Conhecera-o muito bem na capitania do Espírito Santo, como princi-
palmente nesta cidade, por tempo de 5 ou 6 anos, haverá 40. Tratou-o fami-
liarmente, sendo provincial.

12-Manoel Fernandes Ozouro, o moço, natural de Santos, de 56 para 57
anos de idade, filho de Manoel Fernandes Ozouro e de Margarida Antunes.
Conheceu-o, tratou e com ele fez viagem de São Vicente para o Rio, onde
por 10 ou 12 anos o conheceu, haverá 35 ou 36.

13-Francisco Domingues, natural de Portugal, com cerca de 97 anos de
idade.

14-Paulo da Cruz (ouvido a 8 de junho de 1627), natural do Espírito Santo,
com cerca de 60 anos de idade, filho de Marcos de Góes e de Catarina Gon-
çalves. Conheceu-o no Rio e o tratou por 14 anos, de 45 anos a esta parte.
Foi seu confessor por alguns anos. Serviu-o dentro do Colégio desta cidade,
ajudando-lhe a missa muitas vezes. Ele o ensinou a ler e a escrever e a dou-
trina cristã.

15-Francisco Viegas (ouvido a 9 de junho de 1627), natural de Évora, com
cerca de 60 anos de idade, filho de Diogo Viegas e de Brites Francisca. Era
sobrinho do Dr. Brás Viegas. Ouvira “Na vila de São Vicente, estando [An-
chieta] visitando umas mulheres, as quais tinham metido o pão no forno, e
enlevadas na prática do dito padre, se esqueceram do pão que tinham ao
forno, e quando acudiram no tempo em que o dito padre ia se despedindo,
gritara uma delas que estava o dito pão queimado, e o dito padre lhes disse-
ra que não se agastassem. E chegando à boca do forno lhe botara uma
bênção e tornara o dito pão a ficar em sua perfeição e bom”.

16-Jerônimo Veloso Cubas (ouvido a 9 de junho de 1627), natural do Rio
de Janeiro, onde era juiz, com cerca de 43 anos de idade, filho de Manoel
Veloso de Espinha e de Catarina Cubas. Era irmão, por parte de pai, de Ca-
tarina de Espinha. Conheceu-o nesta cidade por 2 anos e isto há 34. Possui
um relicário que Anchieta deu à sua mãe.

17-Francisco de Mariz (ouvido a 10 de junho de 1627), natural do Rio de
Janeiro, com cerca de 46 anos de idade, filho de Antônio de Mariz e de Isa-
bel Velho. Conheceu-o no Rio há 36 anos, “por ele dito padre ir muitas vezes
à casa da mãe dele testemunha a visitá-la”.

18-Duarte Nunes da Cunha (ouvido a 11 de junho de 1627), natural do Rio
de Janeiro, com cerca de 33 anos de idade, filho de Domingos Nunes e de
Maria da Cunha. Narrou um milagre ocorrido na casa de sua mãe, mediante
uma relíquia.

19-Gonçalo Corrêa de Sá (ouvido a 11 de junho de 1627), fidalgo da Casa
de Sua Magestade, natural da cidade do Rio de Janeiro, com cerca de 56
anos de idade, filho de Salvador Corrêa de Sá e de Vitória da Costa. Conhe-

ceu-o desde 1582. Ele foi seu mestre. Na cidade de Laguna conheceu seus parentes. Ele testemunha foi capitão da Fortaleza de Santa Cruz.

20-Antônio de Mariz (ouvido a 12 de junho de 1627), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 52 anos de idade, filho de Antônio de Mariz e de Isabel Velho. Conheceu-o nesta cidade, desde sua mocidade até o tempo que se foi para o Espírito Santo. Comunicou e se confessou com ele muitas vezes e entrou em uma obra, que ele dito padre fez e compôs ao divino, e o dito padre o recebeu por noviço, sendo provincial e que, depois, por uma enfermidade, saiu da Companhia. Narrou a cura de seu filho João, de oito meses; o sogro Lourenço de Sampaio pediu uma relíquia de Anchieta ao Padre Antônio de Matos.

21-Lourenço de Sampaio (ouvido a 12 de junho de 1627), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 55 anos de idade, filho de Antônio de Sampaio e de Maria Coelho, já falecida. Conheceu-o muito bem no Rio de Janeiro e nas capitâneas de São Vicente e do Espírito Santo. Tem uma relíquia dele, com muita estima. Anchieta freqüentava a casa de sua sogra Maria de Oliveira, mulher que fora de João de Basto.

22-Salvador de Sousa (ouvido a 4 de junho de 1627), natural de Conceição de Itanhaém, com cerca de 56 anos de idade, filho de Bartolomeu Lopes e de Luzia Machado. Conheceu-o e tratou desde menino aqui nesta cidade, em todo o tempo em que ele aqui residia. Narrou a cura de seu cunhado Jorge Pinto; apelava para o depoimento de sua irmã Isabel de Sousa e de seu sobrinho André Cardoso, filho dos sobreditos. Estava Jorge Pinto muito enfermo, com grandes dores de cabeça e tratava com um cirurgião de sua cura, o qual o queria meter em uns banhos. E estando tudo preparado para isso, o dito Padre José o fora visitar e lhe dissera não tomasse os ditos banhos, porque se os tomasse havia de morrer. Mas que tomasse um barrete, que ele lhe mandaria e o metesse na cabeça e logo acharia saúde. E, mandando-lhe Anchieta o sobredito barrete, e metendo-o o enfermo na cabeça, como o dito padre lhe tinha dito, logo achara perfeita saúde, o que ele testemunha julgara ser milagre.

23-Bartolomeu Fernandes (ouvido a 17 de junho de 1627), natural da Bahia, morador no Rio, vindo da Bahia criança, aqui se criando, com cerca de 62 anos de idade, filho de Jorge Fernandes e de Francisca de Barros, já falecida. Conheceu-o no Rio desde sua mocidade. Narrou uma expedição de doze mancebos, enviados por Salvador Corrêa de Sá à baía Formosa, em que tomou parte: "Fossem com bom ânimo, porque haviam de fazer um feito honroso". Inopinadamente atacados cinco deles por sete inimigos, que logo mataram a Heliodoro Ébanos, seu cunhado. Este fato foi dito por Anchieta, no mesmo dia, pregando a 23 léguas de distância! Tal era a fama de Anchieta, que tomavam suas palavras por oráculo, como se depreende do caso que segue: Por alguns moradores terem ido, sem retornarem havia 7 anos, tendo-os por mortos, as mulheres dos sobreditos tornaram a se casar. De uma delas era primo Manoel Álvares Chaves, já defunto, que por este motivo era obrigação sua arranjar novo casamento, ainda mais porque ela andava mal encaminhada com certo homem, e aos que o importunavam lhes respondia: "como quereis que eu a case, se o Padre José Anchieta me diz que

ainda era vivo seu marido e tal não faça”. Assim era, que daí a poucos dias chegou o marido dela. E outros que acharam as mulheres já casadas...”

24-João Botelho (ouvido a 19 de junho de 1627), natural de Braga, morador no Rio, com cerca de 68 anos de idade, filho de Vasco Fernandes e de Lucrécia Fernandes de Távora. Conheceu-o e tratou com ele haverá 43 para 44 anos, com ele fez viagem por mar desta cidade para a da Bahia. Narrou um milagre, a que estivera presente, em um navio dos padres da Companhia, de nome Santa Úrsula, desta cidade para a Bahia, com ventos contrários que causaram tanto perigo que os padres da Companhia que iam no navio se confessaram e se prepararam para morrer, abraçando-se e se despedindo um dos outros. E em particular o Padre Inácio Tolosa, reitor que então era deste Colégio do Rio, vendo-se já tão perto da terra e recifes do mar, dissera estas palavras: “Bendito sea Dios, que se escapamos de lo mar, no escapamos de la tierra”, aludindo a que, se alguns escaparam das ondas e penedos, dariam nas mãos do gentio, que ali havia muito e estava em guerra com os portugueses. E somente o Padre José Anchieta, em todo este tempo do perigo, que foram três dias com três noites contínuas, estivera em oração no navio, posto de joelhos, com as mãos levantadas ao céu. E que ele testemunha pusera os olhos nele nesta conjunção, o vira suspenso no ar, na qual forma, sem comer nem beber, estivera os ditos três dias e noites, ao cabo dos quais cessou a dita tormenta e saíram do perigo”.

25-Sebastião Fagundes (ouvido a 21 de junho de 1627), natural da Vila de Viana, morador no Rio, da Ordem Terceira de São Francisco, com cerca de 62 anos de idade, filho legítimo de Francisco Fernandes Varella e de Grácia Vaz Fagundes. Conheceu-o na Bahia de Todos os Santos, sendo ele provincial. Tem uma relíquia de seus ossos e outra de sua roupeta. Lendo ele testemunha, diante de sua mulher, um livro que anda da vida do dito Padre José Anchieta e chegando e lendo aquela profecia, em que o padre profetizava à sua sogra, dele testemunha, Andreza Dias, sobre a queda de uma menina, lhe dissera que a menina não morreria logo e por isso não era necessário batizá-la em casa, nem morreria naquela terra, se não fora dela, mas que não chegaria à idade de casar. E lendo ele testemunha esta história, lhe respondera a dita sua mulher que aquela história acontecera à sua mãe e que tudo assim passara, porque a dita criança nasceu na Bahia e veio com sua mãe a esta terra, onde morrera sendo de 11 anos.

26-Maria de Oliveira (ouvida a 22 de junho de 1627), natural de Lisboa, com cerca de 65 anos de idade, filha de Martim Afonso e de Antônia de Oliveira. Era viúva de João de Basto. (Já dera seu testemunho em 1620).

27-João de Sousa Pereira (ouvido a 23 de junho de 1627), cidadão do Rio, natural de Lisboa, com cerca de 85 anos de idade, filho de Francisco de Sousa Pereira e de Inês de Brito de Carvalhais. Conheceu-o de 55 anos a esta parte. Narrou o episódio em que esteve perto de seis anos, a trezentas léguas da capitania do Rio, sendo que todos já o davam por morto. Declarou que foi público e notório na vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, na capitania de São Vicente, que, estando um homem castelhano, casado, com filhos e netos, 35 anos, e enfermado, estivera três dias sem comer, nem beber, nem falar, no último de sua vida. E acudindo lá Anchieta,

de São Vicente, donde ao presente estava, lhe dissera que sabia que ele era casado em Jafra, no Reino de Castela, apesar dele negar, e por isso não morreria. Confessando o homem que era verdade e depois confessando-se sacramentalmente ao dito padre, expirou logo.

28-Martim de Sá (ouvido a 28 de junho de 1627), governador, fidalgo da Casa Real, natural do Rio de Janeiro, com cerca de 55 anos de idade, filho de Salvador Corrêa de Sá e de Vitória da Costa. Conheceu-o desde menino, por 12 ou 13 anos. Anchieta foi o testamenteiro de sua mãe. Em especial, vira ele testemunha que, edificando-se a Fortaleza de Santa Cruz, situada na barra desta dita cidade, o dito padre se virara para ele testemunha, por ocasião de uma onda, que veio subindo pela rocha, em que a fortaleza se fabricava, e lhe dissera 'não é este o mar que nos há de fazer mal, outro há de vir que há de levar a fortaleza. E assim estamos aqui trabalhando debalde'. O que sucedeu na forma que o dito padre profetizou, que, estando a dita fortaleza de todo acabada e tão forte que parecia coisa impossível poder o mar abalá-la, daí a poucos meses veio um mar e a levou com toda a artilharia que dentro estava, sem deixar uma só pedra. O que ele testemunha teve por mui grande profecia.

29-André do Sim (ouvido a 1º de julho de 1627), natural de Laguna, nas Canárias, morador no Rio, com cerca de 60 anos de idade, filho de Manoel do Sim e de Maria Manoel. Conheceu-o e tratou com ele no Rio, "como patrício e como quem lhe conhecia irmãos seus sacerdotes, na mesma cidade da Laguna". Declarou que a família de Anchieta era muito católica. Os irmãos dele testemunha, também sacerdotes, aprenderam com os irmãos de Anchieta a tanger cravo e órgão. Sendo ele testemunha culpado na morte de um homem, e dado e havido geralmente por matador, e procurando perdão da parte, estando para morrer, e tendo já para isso dois escrivães, que estavam para fazer o termo de perdão, ao qual perdão tinha promovido ao dito morto o Padre Calixto da Mota, e se não efetuou por não consentir um de seus parentes, de que ele testemunha ficou muito triste, e o Padre Anchieta encomendando a ele testemunha ao Governador desta cidade Salvador Corrêa de Sá tivesse cuidado dele testemunha, que sem dúvida viria solto e livre, como com efeito aconteceu, contra a opinião de todos, que esperavam não passaria bem.

30-Antônio Pacheco Calheiros (ouvido a 3 de julho de 1627), cidadão, natural da Vila de Viana, com mais de 50 anos de idade, filho de Diogo Gonçalves Calheiros e de Isabel Borges Pacheco, falecida. Conheceu-o de 36 anos a esta parte. Com ele tratou no Rio e no Espírito Santo. Indo ele testemunha para a capitania do Espírito Santo desta cidade, em uma canoa, em que o dito padre tinha já feito uma viagem daqui para São Vicente, a primeira que a dita canoa fez, e ele a benzeu, dera uma tempestade a ele testemunha, na Ilha de Santana. E indo ao mar por causa dela, e depois viera buscar um dia e uma noite a terra e não pudera dar com ela, e tal foi o tempo que um navio de alto bordo não podia sustentar a tormenta. E chegando ao segundo dia com a tormenta a uma aldeia de Reritiba da dita capitania do Espírito Santo, onde o dito Padre José estava, e dando graças a Deus pelos livrar da tormenta, por ser mais cruel e a embarcação sem coberta, o dito padre

lhes dissera que ele os tinha encomendado a Deus e não temessem andar na dita canoa, porque ele a tinha benzido. E então entenderam ele testemunha e os mais que, por orações do dito padre escaparam da dita tormenta, porque de outra maneira não se podiam livrar dela. E por ser tal..., o tinham já nesta cidade por morto e aos mais companheiros.

31-Francisco Álvares da Fonseca (ouvido a 5 de julho de 1627), cidadão, natural de Lisboa, com cerca de 67 anos de idade, filho de João Francês e de Francisca Álvares. Conheceu-o muito bem, de 46 anos para cá e com ele tratou e comunicou, e era seu amigo e devoto. Estando ele testemunha na capitania de São Vicente, no ano de 1586 para 1587, sucedera que um morador na dita capitania, por alcunha o *Pancas*, se saíra de sua casa, com tenção danada, para efeito de matar ao capitão da dita capitania, Jerônimo Leitão, entrando em sua casa para esse efeito. E acudindo muita gente, o prenderam. E sabendo o alcaide da Fortaleza da Barra Grande, por nome Tomás Garro, se viera da dita fortaleza e vila, e sabendo o caso sucedido, determinara de enforcar ao delinqüente, sem que ninguém o soubesse, à meia noite. E naquele mesmo tempo e conjunção acudira o dito Padre José Anchieta que então servia de Provincial e se veio ter com o dito capitão mor, e lhe pediu que não consentisse que o dito delinqüente fosse enforcado, pondo muita instância nisso e pedindo-lhe de joelhos e com lágrimas. E o dito capitão mor dissera que de tal coisa não sabia, nem era sabedor de que o alcaide fosse vindo. E por o dito padre lhe certificar assim, se saíram ambos em busca do dito alcaide pela meia noite e se foram ter com ele e lhe pediram não quisesse dar execução à sua determinação e não enforcasse aquele homem, de que o dito alcaide ficou muito espantado, porquanto a nenhuma pessoa tinha dito que havia de fazer aquilo. E somente na vontade propusera de dar execução e enforcar aquele homem.

32-Padre Francisco Pires, S.J. (ouvido a 5 de julho de 1627), Professo, no Colégio, natural de Aljustrel, vila do Arcebispado de Évora, com cerca de 48 anos de idade, filho de Jorge Vaz e de Isabel Pires. Trazia ao pescoço relíquias de Anchieta e imagem dele.

33-Catarina Afonso (ouvida a 6 de julho de 1627), viúva de Antônio Dias Lobo, moradora nesta cidade do Rio de Janeiro, natural da vila de Vitória, com cerca de 68 anos de idade, filha de Álvaro Afonso e de Branca Fernandes. Conheceu-o e com ele tratou e falou muitas vezes na capitania do Espírito Santo, e isto haverá 45 anos a esta parte e o conheceu por tempo de 15 anos. Estando ela testemunha muito enferma na capitania do Espírito Santo, haverá 40 anos, indo visitá-la o Padre José, lhe dissera que havia de morrer da doença que tinha. E o dito padre a consolou, dizendo que não havia de morrer, e ainda havia de parir mais de um par de vezes e que havia de passar muitos trabalhos. E assim foi, porque ela pariu mais cinco vezes e por ser pobre, passou muitos trabalhos. Ouviu dizer que, na capitania do Espírito Santo que, desejando Miguel de Azeredo uma pedra larga e bem feita, que estava pegada ao seu engenho para mesa dele, e por ser grande e pesada a não podia menear nem levar, e vendo o dito padre os desejos do dito Miguel de Azeredo, estando com ele no seu engenho, lhe disse que mandasse buscar vir a gente que ele levaria a pedra. E pondo-lhe o padre a mão, a leva-

ram para o engenho sobre uns paus. E para a haver de por no lugar, não conseguiam colocá-la onde queriam. Pôs novamente a mão e a puseram onde queriam. Um irmão da testemunha, de nome Afonso, viu Anchieta abortir em orações. Em Vitória, estando Catarina Gomes, mulher de Fernão do Campo, de parto havia três dias mui atribulada, o pai dela, por nome Luís Gomes, se fora ter com o Padre Anchieta. Este recomendou que fosse embora e logo pariria. Anchieta disse, ainda, à mãe de Catarina Gomes, que sua filha haveria de ter três partos trabalhosos, mas que daí por diante os teria muito fáceis. E assim foi: depois de três crianças mortas, as seguintes nasceram com facilidade! Outro caso foi o de um anão aleijado, de nascença, índio trazido do sertão pelo Padre Diogo Fernandes. Mandou Anchieta que o anão se levantasse. Este respondeu que não podia e andava de bruços. Então Anchieta tornou a dizer-lhe que levantasse e lhe tocou com um bordão: o índio se levantou e começou a andar!

34-Padre Manoel do Quintal de Resende (ouvido a 8 de julho de 1627), natural da vila de Vitória, de 52 para 53 anos de idade, filho de Brás do Quintal de Resende e de Camila Pereira. Com ele tratou e se comunicou e se criou na Casa de Santiago da Companhia de Jesus da vila de Vitória, desde a idade de 11 até 16 anos. Narrou a cura que Anchieta fez em sua mãe Camila Pereira, mandando que se lhe pusessem a relíquia de São Maurício na cabeça, onde tinha o mal e logo sararia. Ele testemunha contou o caso das andorinhas, que se deixavam mansamente tomar às mãos de Anchieta, que pediu que não dissesse nada a ninguém, o que também poderia comprovar Sebastião Cardoso, morador na dita vila. Andando o Padre Anchieta a passear em uma varanda que caía sobre o quintal da Casa de Santiago, chamou por ele testemunha, dizendo: “Manoel, vem cá, vai dizer a Dona Luiza Grimalda (senhora da dita vila) que mande tocar caixa, que estão duas naus francesas inimigas sobre a barra”. E, de fato, duas naus francesas atacaram a vila..

35-Irmão Simão Vieira, S.J. (ouvido a 9 de julho de 1627), natural do termo de Óbidos, Portugal, com cerca de 63 anos de idade, filho de Simão Fernandes e de Catarina Vieira. Não conheceu Anchieta pessoalmente. Ouviu falar dele em Angola, onde ele testemunha andara havia 40 anos.

36-Mateus Lourenço de Carvalho (ouvido a 10 de julho de 1627), natural do Porto, com cerca de 56 anos de idade, filho de João Carvalho e de Maria Manoel. Conheceu-o no ano em que desta cidade partiu para a capitania do Espírito Santo, onde morreu. Anchieta deu-lhe um relicário, com suas relíquias dentro e um regimento.

37-Manoel Nunes (ouvido a 15 de julho de 1627), morador e cidadão do Rio de Janeiro, natural de Lisboa, com cerca de 64 anos de idade, filho de Diogo Fernandes e de Francisca Nunes. Conheceu-o e tratou com ele na capitania do Espírito Santo, onde ele foi morador por muitos anos. Esteve presente ao sepultamento de Anchieta em Vitória.

38-Isabel de Sousa (ouvida a 16 de julho de 1627), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 60 anos de idade, filha de Bartolomeu Lopes e de Luzia Machado, falecida. Conheceu-o, tratou e falou com ele muitas vezes, e se

confessou com ele nesta cidade, desde o tempo em que era donzela, como depois de casada, e isto haverá de 45 anos a esta parte. Estava o marido dela testemunha, Jorge Pinto, que Deus tem, muito enfermo, com grandes dores de cabeça, tratava-se com um cirurgião francês que queria lhe dar uns banhos e já tinham acertado tudo. Nesse ínterim, o Padre Anchieta o visitou. Inteirado da situação, proibiu que ele se metesse nesses banhos, porque iria morrer. Mandou então que o enfermo metesse um barrete na cabeça, e fazendo-o assim, logo recuperou a saúde. Assinou por ela seu filho Baltazar Cardoso.

39-Diogo Teixeira de Carvalho (ouvido a 17 de julho de 1627), cidadão do Rio, natural de Santarém, com cerca de 72 anos de idade, filho de Antônio Teixeira e de Grácia Carvalho, já falecidos. Tratou e comunicou com ele por muitos anos e ambos comeram a uma mesa. Conheceu-o na vila de São Vicente, nesta cidade, e na do Espírito Santo, por tempo de 20 anos, e isto haverá de 50 anos a esta parte, que foi logo quando ele testemunha veio para o Brasil. Teve um livro de Anchieta, de cantiga ao divino, assim na língua portuguesa como na fala do gentio, à honra de Nosso Senhor e de sua benditíssima Mãe, contrafazendo outras muitas cantigas profanas ao divino, as quais todos cantavam, e os moços nas ruas e praças. Narrou o episódio em que Anchieta trouxera do sertão de São Vicente Domingos Luís e Manoel Corrêa (era Francisco Corrêa), com suas mulheres e filhos, os quais viviam no sertão de forma atrasada, seguindo seus ritos. Por vezes Anchieta dormiu em sua casa, quando teve a oportunidade de ver que passava muita parte da noite em oração.

40-Antônio Fernandes Góes (ouvido a 19 de julho de 1627), natural da cidade da Bahia, com cerca de 65 anos de idade, filho de Antônio Fernandes e de Isabel de Góes. Desde os 7 anos era morador no Rio, onde se criara. Com ele fez viagens. Conheceu-o nas vilas de São Vicente e de São Paulo, onde estava com a idade de 13 anos, quando se verificou o caso da bula da cruzada: tendo sido recebido com muita festa e procissão, devia publicá-la no domingo seguinte; no sábado, o irmão encarregado da canastra, percebeu que "lhe esquecerá"; domingo, no púlpito, acabada a pregação, meteu a mão nas suas vestes e tirou a Bula da Cruzada e a publicou.

41-Maria Moreira (ouvida a 20 de julho de 1627), natural de São Paulo, com cerca de 60 anos de idade, filha de Jorge Moreira e de Isabel Velho. Era viúva de Antonio de Saavedra. Conheceu-o muito bem, desde criança, quando Anchieta muitas vezes ia à casa de seu pai na vila de São Paulo. Vindo para esta cidade, já casada com Antônio de Saavedra, tornou a vê-lo. Assinou, por ela, a rogo, Álvaro Rodrigues. Sendo seu marido ainda solteiro, e tendo comunicação e familiaridade com o Padre José, determinou-se embarcar da vila de Santos em uma embarcação que ia para o Paraguai ou para o Peru, para onde ele pretendia ir. O que, sabendo Anchieta, dissera que não embarcasse no dito navio porque ele haveria de se perder, como de fato se perdeu. O Padre José pediu a Saavedra que se casasse. Este anuiu, mas que teria que ser com uma filha de Jorge Moreira, pai dela testemunha. Anchieta lhe respondeu que Jorge Moreira tinha ainda a filha mais velha para casar e que não convinha que ele se casasse com ela por ser já de 30 anos

e ele ainda moço. E que deixasse primeiro casar a mais velha e depois casaria com a mais moça. E que casasse ele com uma mulher viúva por nome Brites Gonçalves. E dizendo-lhe o dito seu marido que, como havia ele de casar com a filha do dito Jorge Moreira, se ele lhe pedia que casasse com a viúva.. Respondeu-lhe Anchieta que se casasse, que ainda havia de tornar a casar e haveria de ser com uma filha de Jorge Moreira. O que assim aconteceu, porque Saavedra casou-se com a dita viúva, a qual viveu somente 9 meses, porque logo adoeceu e morreu. E neste tempo o pai dela casara a filha mais velha. Quando ficou viúvo, Saavedra quis ir para Buenos Aires, no que foi impedido por Anchieta, que o fez ficar e se casar com ela testemunha.

42-Garcia de Gusmão Moniz (ouvido a 21 de julho de 1627), cidadão, natural de Torres Vedras, com cerca de 57 anos de idade, filho de Antonio Vaz de Gusmão e de Maria de Sousa. Conheceu-o, tratou e falou com ele muitas vezes na capitania de São Vicente e nesta cidade de 37 anos a esta parte. Contou um caso em que, indo Anchieta da vila de Santos para a de São Vicente, no caminho, por ser noite, se agasalhou no Engenho dos Erasmos e que, fazendo queixa o feitor do dito engenho que então se chamava Antônio Afonso, muito grande amigo dele padre, que se vinha chegando a festa de São Jorge, que era a invocação do engenho, e não vinha navio que todos os anos costumava vir, e não havia vinho para esta festa, a qual seria daí 3 ou 4 dias. Anchieta transmitiu confiança e um navio com o vinho chegou na véspera ou antes!

43-Irmão Mauro Teixeira, O.S.B. (ouvido a 21 de julho de 1627), com cerca de 75 anos de idade, filho de Antônio Luís e de Catarina Teixeira, já falecidos. Anchieta lhe ensinou a doutrina. Conhecia-o desde menino, haverá 60 anos.

44-Escolástica da Costa (ouvida a 26 de julho de 1627), natural do Rio de Janeiro, com cerca de 59 anos de idade, filha de Pero da Costa e de Catarina Gonçalves. Era viúva de Bartolomeu Pires. Conheceu-o nesta cidade por tempo de 12 anos, haverá 50. Vindo o marido dela, casado da Ilha Terceira, com mulher para esta cidade, onde esteve com ela como sua mulher, por ser na dita ilha recebido com a dita mulher, e sendo amigo do Padre José Anchieta, ele uma vez o fora buscar a sua casa e, apartando-o do companheiro que levava, lhe dissera o dito padre: “Sabeis que sou vosso amigo. E eu tanto o sou que vos quero dizer como digo, que a mulher com quem estais casado, não é vossa, e tem seu marido vivo, e está em o Reino de Portugal”. E Bartolomeu Pires dissera que não podia ser, porque era verdade que a mulher com quem estava casado fora casada e seu marido se ausentara, e por muita diligência que se tinha feito por ele, se não sabiam novas algumas dele. E assim se apregoaram na sua freguesia e se casaram ambos, sendo dado o marido dela por morto. E o dito padre lhe respondera que era verdade que o dito seu marido se fora para a Índia e lá estivera sempre e agora estava em Portugal, vivo. E desse ordem com que ela se fora para o dito seu marido. E dizendo o padre o mesmo à dita mulher, se deu ordem, por meio de um precatório, com que ela se foi. E quando o dito Padre Anchieta lhe disse, o precatório ainda não estava na terra, nem se sabia de tal. E

depois o dito Bartolomeu Pires se casou com ela testemunha, a quem lhe contou acerca da santidade de Anchieta. Estando ela testemunha, com seu marido Bartolomeu Pires, já defunto, e outra muita gente e estava o Padre Miguel do Couto, que então era ainda irmão da Companhia, na Aldeia de São Lourenço, termo desta cidade, em um dia em que se fazia a festa do orago da Igreja de São Lourenço, e sendo já horas de sair a procissão, chovia tanto que determinaram todos fazê-la somente por dentro da dita igreja. O que vendo o Padre José Anchieta os persuadiu a que fizessem a procissão fora da igreja, como era costume, assegurando-os que se não haviam de molhar. Saíram com a procissão, e embora chovesse a cântaros nas partes vizinhas àquele lugar, só no lugar por onde a procissão andava não chovia e assim se pôde fazer a procissão sem ninguém se molhar. Terminada a procissão, o Padre Couto queria ainda fazer representar uma comédia no mesmo dia à tarde. Por respeito à muita chuva que caía como dantes, deixara de armar o teatro e de o guarnecer. Vendo isto, mandou o Padre José mandar armar o teatro fora da igreja para que todos pudessem ver a representação e, para espanto de todos, por estar chovendo ainda e sem nenhum vislumbre de melhora, mandou trazer palmeiras para que pudessem fazer sombra à figura e ouvintes. Tão logo se começou a comédia e o teatro, logo cessou a chuva naquele lugar, chovendo nos demais e fez tal sol, que todos folgaram com as sombras que as palmeiras lhes faziam. Finda a comédia, que durou perto de quatro horas, começou a chover e choveu até o dia seguinte..

45-Antônia Dias (ouvida a 27 de julho de 1627), natural de São Paulo, com mais de 60 anos de idade, filha de Lopo Dias e de Brites de Góes. Conheceu-o muito bem e o viu em casa de seu pai Lopo Dias, na vila de São Paulo, e nesta cidade, no tempo em que ele dela se foi para o Espírito Santo, que no mesmo tempo veio ela testemunha da capitania de São Vicente para cá. Ouviu contar a Manoel de Chaves, já defunto, que Anchieta desaparecera uma tarde da vila de São Paulo e a outro dia o viram todos estar dizendo missa pela manhã e lhe viram a roupeta molhada, e se dizia que viera de Santos, jornada de três dias, a buscar uma bula que havia de publicar ao domingo seguinte, que tinha esquecido um irmão seu companheiro. Assinou por ela Manoel de Andrade.

46-João Monteiro (ouvido a 28 de julho de 1627), morador nesta cidade, cego, natural da vila de Santos, de 67 para 68 anos de idade, filho de Antônio Monteiro e de Catarina Ferreira. Conheceu-o muito bem e o vira com seus olhos, e com ele tratou por tempo de 15 anos, e isto haverá 50 anos. Ele testemunha vira que, estando o dito padre José a partir para a capitania de São Vicente, sendo provincial, a visitar, pedira ao Prelado, que então era Bartolomeu Simões Pereira, já defunto, que também queria ir visitar a dita capitania, fosse com ele em sua embarcação. E o dito prelado não quisera, e fora em outra e partira um dia antes que o Padre José partisse. E depois o viram passar pela embarcação do dito Prelado, onde também ele testemunha ia, e chegara à dita capitania de São Vicente em 24 horas. E o dito Prelado, em cinco dias. Vendo todos isto, tiveram por milagre.

47-Padre João Lobato, S.J. (ouvido a 2 de agosto de 1627), natural de Lisboa, com cerca de 81 anos de idade, filho de Dinis Gomes e de Brígida Pinto. Conheceu-o, com ele tratou e comunicou e ambos foram irmãos da Companhia de Jesus, e isto haverá 60 anos, pouco mais ou menos. Conheceu-o sendo ele testemunha visitador, no tempo em que ele era ainda irmão, mandado pelo Padre Manoel da Nóbrega. Estando ele testemunha em companhia do Padre Anchieta em o lugar que chamam Maricá, a sete léguas desta cidade, uma noite lhes sobejara e ficara da ceia alguma coisa de comer. E querendo ele testemunha dar aquilo a alguns nossos, o dito padre lhe dissera que guardasse aquilo, que não faltaria a quem se desse. E assim foi que, perto da meia noite, veio um preto, negro da Guiné, com uma carta que lhe mandava Aires Fernandes, já defunto, que então estava muito mal para morrer. E o mandava chamar para se confessar e dispor para morrer. Ao qual preto mandara o padre dar o que tinha mandado guardar da ceia..

48-João de Cales (ouvido a 2 de agosto de 1627), natural de Dieppe, morador no Rio de Janeiro, casado, com cerca de 70 anos de idade, filho legítimo de Miguel de Cao e de Alizão de Cao. Conheceu-o, tratou e comunicou com ele nesta cidade e na aldeia de Reritiba da capitania do Espírito Santo, e isto haverá 53 anos.

49-Pero de Gouveia (ouvido a 12 de agosto de 1627), morador no Rio, natural da Alemanha, com mais de 60 anos de idade, filho legítimo de Petro Bons (não soube dizer o nome da mãe), indo muito pequeno para Portugal. Conheceu-o muito bem e tratou com ele. Foi o seu padrinho de crisma. Ele testemunha esteve na cidade de Laguna das Canárias, terra de Anchieta, e lá ele conheceu João de Anchieta, primo do dito padre, que lhe mostrou a dita cidade. Viu, estando na Companhia, que todas as vezes que o dito Padre José de Anchieta encontrava um irmão que se chamava Baltazar de Miranda, lhe dizia: "Miranda, Miranda, mira e anda!" E daí a poucos dias o dito Miranda saiu da Companhia.

50-Aleixo Manoel (ouvido a 31 de agosto de 1627), capitão de Infantaria desta cidade, dela natural, com cerca de 50 anos de idade, filho do Capitão Aleixo Manoel, já falecido, e de Francisca da Costa. Conheceu-o nesta cidade, quando ia e vinha a ela, por espaço de 8 anos, e isto de 38 anos a esta parte. Ouvira falar na Bahia e no Rio das Caravelas da sua santidade. Sendo moço, de 12 anos, pouco mais ou menos, andando na escola, ouvira seus sermões e o viu levantado do chão, em êxtase.

51-Antônio do Lago Prego (ouvido a 31 de agosto de 1627), morador no Rio, natural da Vila de Viana, com cerca de 35 anos de idade, filho de André Rodrigues do Lago e de Madalena Gonçalves Prego.

52-Margarida Gonçalves (ouvida a 2 de setembro de 1627), natural da vila de Santos, com cerca de 47 anos de idade, filha de Domingos Dias e de Grácia Rodrigues. Era viúva de Antônio Soares. Conheceu-o e tratou com ele e ele entrava em casa de seu pai na capitania de São Vicente, onde o conheceu por tempo de 4 anos, e isto haverá 36 anos. Viu contar a seu pai e a sua mãe, que aconteceu em sua casa, que morrendo um escravo que o seu pai tinha comprado, cá do gentio da terra, e havendo um grande espaço

que estava morto, tornara a viver e dissera à mãe dele testemunha, Grácia Rodrigues, que o lavasse muito bem, porque o Padre José de Anchieta havia de vir a batizá-lo, por ele o não ser ainda. O qual o encontrou no caminho e lhe dissera que se tornasse outra vez a seu corpo, para o batizar. Ao que a dita sua mãe lhe dissera que mentia, porque o padre não estava na vila de Santos, aonde isto acontecera, senão na vila de São Vicente, algumas léguas uma de outra. E o dito negro respondera que era verdade que o padre estivera em São Vicente, mas que ele, quando morrera o encontrara no caminho, que vinha de lá para a vila de Santos, onde já estava. E que o mandasse chamar. E mandando sua mãe chamar ao Padre José, ao mosteiro da vila de Santos, viera logo e perguntara à sua mãe quem lhe dissera que ele era já chegado. E ela lhe respondera que o dito negro enfermo e que ele o mandava chamar. Ao qual o padre perguntara que era o que queria e porque o mandava chamar. E ele lhe respondera, pela língua da terra: “Vós, padre, não me encontrastes no caminho? E me dissestes que tomasse o meu corpo, que me viríeis batizar? Pois, batizai-me, que vós fostes o que me mandastes”. E o dito padre então o batizou. E logo tornou a morrer.

53-Constantino Rebelo (ouvido a 2 de setembro de 1627), escrivão, natural do Rio de Janeiro, com cerca de 42 anos de idade, filho de Francisco Domingues e de Inês Fernandes, já falecida.

O processo do Rio de Janeiro foi encerrado a 14 de março de 1628 por Mateus da Costa Aborim, Autoridade Apostólica, Prelado e Administrador da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e das mais capitâneas de sua repartição da banda do Sul, Comissário do Santo Ofício e da Bula da Cruzada.

.....

Processo Apostólico de Olinda - ano de 1628:

Por ordem dos Senhores Comissários, o Licenciado Salvador Tavares, Vigário da Igreja Paroquial do Salvador da terra de Olinda e Vigário Geral no espiritual e temporal nesta capitania, e Antônio Bezerra, Vigário da Matriz de São Pedro da terra de Olinda, com o teor das comissões e cartas apostólicas expedidas acerca da canonização do Padre José de Anchieta, e exame das testemunhas, iniciou-se o processo a 18 de maio de 1628, no recinto da Igreja Paroquial de Salvador da terra de Olinda, capitania de Pernambuco, na capela de Nossa Senhora do Rosário. Estavam presentes, além dos já nomeados, o Reverendo Padre Domingos Ferreira, Reitor do Colégio de N.S^a da Graça da Companhia de Jesus. Formou-se uma Comissão formada pelo Licenciado Pedro Velho, Arcediago da Igreja Catedral do Salvador, Bahia de Todos os Santos, e do Licenciado Diogo Lopes e de Melchior Pereira, cônegos da dita catedral, subdelegados pelo Bispo Dom Marcos Teixeira de Mendonça.

Testemunhas ouvidas:

1- **Padre Gaspar de Semperes, S.J.** (ouvido a 19 de maio de 1628), natural da vila de Alcué, no reino de Valença, com 76 anos e 5 meses, aproxima-

damente, filho de Francisco de Semperes e de Ângela Juste. Religioso da Companhia de Jesus, foi admitido por Anchieta, a 7 de março de 1587.

2- **Padre Manoel Gomes, S.J.** (ouvido a 26 de maio de 1628), Professo da Companhia de Jesus, com cerca de 49 anos de idade, natural de Cano, diocese de Évora, filho de Sebastião Gomes e de Maria Fernandes. Não o conheceu pessoalmente. Contou que no castelo de uma embarcação do Capitão Jerônimo Cavalcanti de Albuquerque havia uma relíquia de Anchieta. Com esse capitão esteve Manoel Gomes em uma viagem à Bahia, juntamente com a armada espanhola, que vinha restaurar a Bahia, então ocupada pelos holandeses. Antecedeu que, aos 4 de abril de 1625, pela madrugada, acharam-se lado a lado com uma nau holandesa poderosa e bem guardada. Rompeu imediatamente a luta, despejando o inimigo artilharia grossa, mosquetaria e arcabuzes, com que morreram e foram feridos alguns dos nossos. Descarregou a nossa nau sobre o inimigo 122 grossos pelouros, disparando também mosquetaria e arcabuzes. Pensava ele testemunha que o lugar mais seguro, em meio a esse perigo, era a câmara de popa e o castelo, porquanto lá se encontrava uma relíquia do dito Padre José de Anchieta. Do que se valeram os soldados que ali combatiam, porque nenhum deles foi ferido. Crê a dita testemunha que o fato se deveu à presença daquela relíquia.

3- **Irmão Sebastião da Cruz, S.J.** (ouvido a 30 de maio de 1628), natural de Arronches, diocese de Évora, com cerca de 66 anos de idade, filho de Manoel Afonso e de Joana Vaz. Conheceu-o e tratou com ele na Bahia, sendo ainda noviço.

4- **Padre Rodrigo Soares** (ouvido a 31 de maio de 1628), natural de Pernambuco, com cerca de 68 anos de idade, filho legítimo de Rodrigo Álvares Viegas e de Violante Soares. Conheceu-o e tratou pessoalmente com ele na Bahia e no Rio de Janeiro.

5- **Padre Agostinho Monteiro Botado** (ouvido a 5 de junho de 1628), natural de Lisboa, foi ordenado sacerdote no Brasil, sendo morador em Pernambuco, com cerca de 60 anos de idade, filho de Melchior Monteiro e de sua legítima mulher Ana Fernandes Botado. Com ele tratou e falou, e isto haverá mais de 40 anos.

6- **Luís Antunes** (ouvido a 6 de junho de 1628), natural de Évora, com cerca de 63 anos de idade, filho de Rodrigo Gomes e de Guiomar Lopes. Conheceu-o pessoalmente e com ele tratou na capitania do Espírito Santo, haverá 41 anos, pouco mais ou menos.

7- **Maria da Trindade** (ouvida a 6 de junho de 1628), natural de Pernambuco, com 30 anos de idade, órfã desde pequena, não tendo conhecido bem o pai, cujo nome ignorava. Sua mãe se chamava Grácia Lopes. Narrou um milagre operado em uma sua filha menor. No caso da agulha, testemunhado pelo Irmão Sebastião da Cruz, mandara chamar um cirurgião de nome Duarte de Figueiredo.

8- **Matias Leitão Pereira** (ouvido a 6 de junho de 1628), natural de Olinda, filho de Heitor Mendes e de sua legítima mulher Isabel Gomes. Não o conheceu pessoalmente. Possuía uma partícula de osso que lhe deu, na Ba-

hia, um sobrinho do Administrador do Rio de Janeiro, que guarda com grande carinho. Com ela obteve várias curas, inclusive a sua própria, de maleita.

9- **Jerônimo Paes** (ouvido a 10 de julho de 1628), natural do Porto, com cerca de 75 anos de idade, filho de Miguel Paes e de Beatriz Gonçalves. Conheceu-o muito bem e falou muitas vezes com ele.

10-**Licenciado Luís Soares Freire** (ouvido a 12 de julho de 1628), natural de Santarém, com mais de 40 anos de idade, filho do Licenciado Domingos Lopes Freire e de Maria Luiza Soares. Desde os 14 anos residia em Pernambuco e sempre ouviu falar da vida santa de Anchieta.

11-**Padre Gonçalo de Oliveira**^{*}, natural de Arrifana de Sousa, diocese do Porto, de 88 para 89 anos de idade, filho de Francisco Pires e de Catarina Fernandes. Foi discípulo de Anchieta em Piratininga, seu súdito, seu companheiro. Quando Anchieta chegara, em companhia de Luís da Grã, ele Oliveira era já irmão da Companhia de Jesus e o conheceu em São Vicente e depois em Piratininga.

.....

Processo sobre Milagres da Bahia - ano de 1650

Foi Procurador o Padre Antônio Forte, S.J., nomeado pelo Provincial Padre Belchior Pires, S.J.

Testemunhas ouvidas:

1- **Padre José da Costa, S.J.** (ouvido a 24 de março de 1650), Reitor do Colégio, Professo, natural de Trapani, Sicília, com cerca de 59 anos de idade, filho de Francisco da Costa e de Jácoma da Costa. Assistiu na vila de São Paulo, onde assistiu a muitos milagres de Anchieta. Um dos milagres sabia por ouvir de Sebastião de Aguiar, pessoa antiga e honrada, morador nesta cidade.

2- **Padre Manoel Fernandes, S.J.** (ouvido a 24 de março de 1650), Professo, natural de Viana de Alvito, com cerca de 73 anos de idade, filho de Domingos Fernandes e de Maria Mendes.

3- **Irmão Gaspar de Almeida, S.J.** (ouvido a 28 de março de 1650), natural de Vilarouco, São João de Pesqueira, bispado de Lamego, com cerca de 76 anos de idade.

4- **Irmão José de Oliva, S.J.** (ouvido a 28 de março de 1650), natural de Lago, terra sujeita ao Papa, de mais de 77 anos de idade, filho de Francisco de Oliva e de Isabel Fernandes. Louvou o espírito de profecia de Anchieta, pelo que lhe ditou a ele testemunha Luís Fernandes: "Botai as vossas barbas de molho".

5- **Padre Francisco Carneiro, S.J.** (ouvido a 28 de março de 1650), professo, natural do Concelho de Resende, bispado de Lamego, com cerca de 70

^{*} Ouvido a 9 de setembro de 1619 pelo notário Paulo de Sousa, em depoimento prestado na Capela do Colégio. Este depoimento do Padre Gonçalo, falecido alguns anos antes, foi anexado a pedido do Padre Gaspar de Samperes.

anos de idade, filho de Antônio Carneiro de Siqueira e de Jerônima Cardoso. Assistiu a uma conferência do Padre Reitor do Colégio da Bahia, que então era Inácio de Tolosa, sobre sua vida e obras, tendo ouvido muitos milagres e profecias que Anchieta tinha feito em sua vida, que todos ficaram espantados.

6- **Licenciado Padre Lourenço da Cunha de Cabedo** (ouvido a 28 de março de 1650), sacerdote do hábito de São Pedro, natural da capitania de Pernambuco, com cerca de 50 anos de idade, filho de Pero Fernandes da Cunha e de Maria de Paiva. Ouviu do Irmão Jorge Esteves, da Companhia de Jesus, que esteve na capitania de São Vicente. Ouviu dizer a seu pai, por nome Pero Fernandes da Cunha, já defunto, que sendo Anchieta provincial e indo visitar a Capitania de Pernambuco, estando dizendo missa, depois de tanger ao Sanctus, o dito Pero Fernandes da Cunha e outras muitas pessoas viram o servo de Deus estar suspenso no ar, levantado mais de um palmo do chão.

7- **Sebastião de Aguiar de Altero** (ouvido a 28 de março de 1650), natural da Bahia, com cerca de 75 anos de idade, filho de Pero de Aguiar d'Altero e de Custódia de Faria. Disse que Anchieta fez muitos e diversos milagres. Sabia por se achar presente, ajudando missa do dito padre neste Colégio da Bahia, na capela do Santuário, que o colégio tem dentro no seu corredor principal, sendo mancebo de 17 para 18 anos, pouco mais ou menos. Viu ao dito servo de Deus, que pondo-se nele a orar se arrebatou e ficou em êxtase. Segundo ainda sua lembrança, lhe parece que ficou levantado do chão, e pelo muito espaço de tempo que se deteve no dito êxtase, foi ele testemunha chamar ao Padre Inácio Tolosa que então era reitor, e dando-lhe conta do que havia visto, lhe disse que o deixasse estar. E daí a pouco veio logo e fazendo oração na capela, se levantou e foi ao dito servo de Deus e pegando nele, o dito servo de Deus despertou como quem tornava em si. E lhe disse o dito reitor que fosse com a missa por diante, que havia muito tempo que se detinha nela.

8- **Irmão Bartolomeu Gonçalves, S.J.** (ouvido a 28 de março de 1650), sacristão, natural de Lisboa, do bairro de São Roque, com cerca de 56 anos de idade, filho de Antônio Gonçalves e de Maria Emuliques. É testemunha da devoção dos moradores, por ser há 10 anos sacristão deste Colégio da Bahia.

9- **Diogo Lopes Franco** (ouvido a 5 de abril de 1650), natural de Montemor o Novo, bispado de Évora, com cerca de 50 anos de idade, filho de Luís Dias e de Ana Lopes. Narrou um milagre que aconteceu com a mulher dele testemunha, de nome D. Antônia de Menezes, acamada havia muitos dias, sangrada várias vezes, não conseguia engolir praticamente nada. Depois de, inutilmente, experimentar remédios, valeu-se de uma relíquia de Anchieta, que a molhou e a meteu na boca, com dificuldade. Desde logo experimentou alívio. Assistiram a este milagre, além dele, seu sobrinho Antônio Dares e de outras servas da casa e pessoas de sua família. Moravam em Matoim, termo desta cidade.

10-**Dona Antônia de Menezes** (ouvida a 5 de abril de 1650), natural da Bahia, com cerca de 50 anos de idade, filha de Henrique Moniz Teles, natural da Madeira e de Leonor Antunes. Com ela aconteceu o milagre.

11-**Antônia do Vale** (ouvida a 5 de abril de 1650), natural de Olinda, com cerca de 29 anos, filha de Belchior Barbosa, de Viana e de Apolônia Martins, servente de D. Antônia de Menezes.

12-**Maria de Faria** (ouvida a 7 de abril de 1650), natural de Lisboa, com cerca de 40 anos de idade, filha de Manoel Porgue (?) e de Maria da Silva.

13-**Irmão João de Padilha, S.J.** (ouvido a 7 de abril de 1650), natural de Lisboa, com cerca de 65 anos de idade, filho de Francisco de Padilha e de Domingas Pereira.

14-**Padre João Luís, S.J.** (ouvido a 7 de abril de 1650), natural da Bahia, com cerca de 54 anos de idade, filho de Francisco Luís e de Maria Gomes.

A 9 de abril de 1650, o Padre Antônio Forte pediu ao Licenciado Nicolau Viegas que mandasse tirar cópias do processo para serem enviadas para Roma.